

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

Parecer Ruy Barbosa

IDEAS E FACTOS

— Projecto de reforma do ensino federal.
Escragnolle Doria.... Ensinar reflectindo.
Ruy Barbosa..... Methodos e programma escolar.

A ESCOLA

Jonathas Serrano.... Exercicios de redacção.
E. Vilhena de Moraes Relação, por ordem alphabetica, dos verbos portuguezes acabados em ear.
Othello Reis..... Contas grandes.

LIÇÕES & EXERCÍCIOS

Parecer Ruy Barbosa

Na historia de nossa pedagogia ha de occupar sempre proeminente logar, como ainda frisavamos em artigo publicado no ultimo numero da Escola Primaria, o monumental parecer apresentado á Camara dos Deputados na sessão de 12 de Setembro de 1882 pela Commissão de Instrucção Publica, e de que foi relator o então joven deputado que pela Bahia viera ao parlamento nacional, de onde durante quasi meio seculo irradiou o seu formidavel talento, applicado ao estudo ae todas as questões nacionaes.

Esse parecer, que só em 1883 foi publicado em volumes, hoje raramente encontrados nas prateleiras das livrarias, representa para nós tanto quanto para os Estados Unidos o celebre relatorio da Commissão dos Quinze.

Quando se lê o acabado e magistral trabalho, não se sabe o que mais admirar: si a lucidez da exposição dos problemas, si a coragem civica desse relator que não se arreceia de expôr á luz clara, patenteando-as ao Congresso e ao povo, as miserias longamente occultadas pelas referencias passageiras dos relatorios do Ministerio do Imperio, que superintendia burocraticamente o ensino do paiz, sem um esforço para melhorar, sem sequer suspeitar a dolorosa situação de inferioridade em que se achava. Mas ha uma coisa que assombra: é que esse homem, vivendo em uma época de campanhas oratorias, em quem estuava ardente a vocação da eloquencia, tribuno e politico a quem não podiam sobrar as horas longas e calmas, necessarias para os estudos de gabinete, conseguisse apresentar a seus pares, abonando as observações proprias, toda a documentação que só um longo e penoso estudo poderia colligir: as estatísticas mais recentes, compiladas dos annuarios mais autorizados, como o Almanack de Gotha e o Staterman's Yearbook, dois livros quasi desconhecidos no Brasil, e tanto, que até nos tempos correntes, a venda annual de cada um d'elles, no Rio de Janeiro, não excede a uma duzia de exemplares; os mais recentes trabalhos publicados na Europa e na America a proposito da instrucção do povo; e mais que tudo—a melhor bibliographia didactica do tempo. Não se satisfez, realmente, com traçar os lineamentos geraes de uma organização de ensino primario e normal: o relator desceu ás minucias technicas de cada ramo de ensino, e suas observações, que ainda hoje são, na maioria, perfeitamente verdadeiras, constituem preciosa obra de pedagogia pratica, que nenhum professor digno deste nome póde deixar de ler meditadamente.

Pode-se discordar do plano administrativo proposto e dos programmas apresentados, mas forçoso é ad-

mirar o monumento perenne que esse Parecer constitue. Nenhuma questão se tem agitado desde então, a que a extraordinaria obra não preste collaboração, pois todos os pontos foram abordados e de modo igualmente magistral. Trata-se de predios escolares? Das vantagens da instituição de um ministerio especialmente preposto ás questões de ensino? Da obrigatoriedade escolar? Do fundo escolar? Tudo se acha estudado, a todos os problemas foi proposta solução.

Quanto aos methodos e ao programma das escolas, e tomemos para exemplo as disciplinas cuja pedagogia mais tem evoluído—a geographia e a historia, pouco haverá a accrescentar ou corrigir ao que Ruy escreveu.

Si assim é, e bem sabem os estudiosos que effectivamente é, como explicar que o notavel Parecer ainda seja tão desconhecido? Escribas de geração espontanea, feitos longe dos bancos das escolas, sem traquejo de officio e sem leitura dos technicos, prégam, evangelizam, nas columnas dos jornaes, creando, inventando, fantasiando... e nunca leram a monumental obra. Professor es esforçados, quantos temos visto que são os primeiros a devorar a litteratura pedagogica estrangeira e ainda n o tiveram oportunidade de percorrer essas trezentas e cincoenta paginas onde tanto ha que aprender...

Pensando nisso, e attendendo a que a dificuldade de se achar á venda o Parecer de algum modo justifica a sua pouca divulgação nos meios pedagogicos, entendeu a direcção da Escola Primaria que fazia obra util si reproduzisse em suas paginas alguns trechos escolhidos, que ainda não tenham perdido a oportunidade, e está certa de que essa deliberação ha de ser bem recebida dos leitores.

Serão especialmente escolhidas as paginas mais uteis, onde se bebam informações mais praticas, em geral hauridas nas obras norte-americanas de que era profundo conhecedor o grande brasileiro ha pouco desaparecido. A Escola Primaria entende que grandes serviços prestaria ao magisterio nacional a reedição integral do exhaustivo parecer e sua larga distribuição, e só difficuldades materiaes, naturalissimas em empresas de tanto folego, a impedem de metter hombros ao trabalho. Fal-o-ia em melhores condições a propria Directoria de Instrucção do Districto Federal ou a de um dos Estados da Republica, e fazemos votos para que os administradores tomem a peito a suggestão que aqui deixamos.

Pelo nosso lado iremos procurando, com a publicação dos trechos selectos, que hoje se inicia, coadjuvar o professorado nacional na sua justa ancia de aperfeiçoar os methodos de ensino.

1 — IDÉAS E FACTOS

O projecto de reforma do ensino federal

Publicado no dia 8 de Abril findo o projecto de regulamento apresentado pelo Conselho Superior de Ensino», afim de serem recebidas pelo snr. ministro da Justiça e Negocios Interiores as suggestões e emendas dos entendidos e dos interessados, não tardou que se estabelecesse pela imprensa diaria grande celeuma. Têm chovido revelações, doestos, insultos, desmentidos, e tudo faz crer que na reforma que se haja de fazer o apresentado projecto terá de ficar quasi todo de lado.

Não entrariamos no debate si se tratasse apenas de reformar o ensino secundario e superior da Republica, mas a autorização concedida, em lei orçamentaria, pelo Congresso Nacional, para que o executivo realizasse a reorganização do Conselho Superior e instituisse o Departamento Nacional de Instrução Publica foi muito mais ampla.

Ao Departamento deve ficar sujeito o ensino primario subvencionado pela União: é o que vem consignado na autorização e figura na letra b do art. 1º do projecto, que ainda consideramos «do Conselho Superior do Ensino», embora repellido e repudiado pela maioria dos membros d'esta instituição.

Queremos de proposito limitar a esta parte, a do ensino primario, a nossa intervenção, isto para ficarmos fieis ao nosso programma, que é o proprio titulo d'esta revista, e contrariando o desejo mais intimo de ampliar a outros pontos o nosso exame.

Mas que havemos, na verdade, de discutir? Entre os 165 artigos de que consta o projecto, não ha *cousa alguma* que indique um plano para a conquista do Brasil ao analfabetismo; nenhuma idéa, nem mesmo compilação de idéas já em começo de realização. Assombroso... mas é a verdade. Vamos transcrever todos os trechos do projecto, em que se allude, mesmo incidentemente, ao ensino primario, para que os leitores possam apreciar a magnitude de nossa decepção:

Art. 1º — O Departamento Nacional... tem a seu cargo os serviços do ensino publico... comprehendendo... b) O ensino primario subvencionado pela União.

Art. 7º — A Directoria do Ensino cabe o estudo de todos os assumptos peculiares aos seguintes institutos: ... d) os institutos de ensino primario subvencionados pela União.

Art. 13º — O Conselho Nacional de Instrução, comprehendendo tres secções: ... 3ª, Conselho do ensino primario, compor-se-á: ... d) do director geral da Instrução Publica Municipal e de um inspector escolar municipal, eleito para um biennio pelos inspectores escolares da Prefeitura do Districto Federal; e) de dois brasileiros de reputação notoria em questões de ensino, propostos pelo presidente do Conselho e nomeados para um biennio pelo ministro da Justiça e Negocios Interiores.

Art. 16º — O Conselho de ensino primario, composto de accordo com as letras d e e do art. 13, tambem presi-

dido pelo director do Departamento, incumbir-se-á do estudo de todas as questões relativas á diffusão do ensino primario da Republica, já no que se refere ao programma do ensino ministrado nas novas escolas creadas de accordo com os Estados, á custa da subvenção decretada pelo Congresso, já no que respeita á distribuição e natureza mais conveniente desse auxilio federal.

Art. 18. — Para resolver definitivamente sobre as propostas da secção do ensino primario, assim como para discutir e propor quaesquer reformas do ensino em geral, convocará o presidente sessão plena do Conselho afim de levar ao conhecimento do ministro da Justiça e Negocios Interiores as medidas alli approvadas.

Só. Apenas. Unicamente. Nada mais... Pretende-se, pois, crear o Departamento Nacional de Instrução Publica, reorganizar os serviços, e apenas com essas linhas a respeito do ensino primario correr ao encontro da opinião do Congresso, da imprensa, de todas as pessoas cultas, que clamam convictas: *O Brasil precisa do alfabeto!*

O problema do ensino primario, que, confundido com o do ensino profissional, sobrepuz, em importancia, ao do ensino secundario e ao do ensino superior, não mereceu no projecto uma organização, não teve sequer um lineamento geral, não foi ao menos esboçado. Mas então, para que reformar?

Como se vê das linhas acima transcriptas, não ha nellas mais que burocracia. Ha um conselho-assú com tres conselhos-mirins; um d'estes é o do ensino primario. Que vae fazer esse conselhinho para diffundir no Brasil a instrução primaria? *Estudar todas as questões...* diz o art. 16. Percebe-se que isto nada quer dizer, e que não houve tempo para se organizar o plano indispensavel para o combate ao maior dos males que affligem a nossa patria.

Palavras, palavras, palavras... Mas nem ao menos d'essas palavras de sonho, de utopia, que ás vezes figuram nos discursos dos politicos e dos administradores, e que vão mantendo viva a chamma do entusiasmo dos apóstolos. Apenas palavras sem fé, sem promessas, vasias de sentido.

Prezamos particularmente o espirito lucido, a intelligencia brilhante e o saber consagrado do eminente varão que se acha á frente do Conselho Superior de Ensino, e punge-nos que não haja oportunidade de lhe tecermos, a proposito do malfadado Projecto, os mais rasgados elogios. Mas a consciencia exige de nós que sejamos francos e não podemos mesmo calar a profunda decepção que nos proporcionou a leitura d'esse trabalho.

Não ha uma idéa a respeito do problema a resolver. Mas o futuro conselho irá *estudar* tudo, esteja o povo tranquillo. Será pelo menos tal conselho orgão legitimo, merecedor da confiança absoluta do paiz e do governo, para que se lhe entregue em dictadura, sem plano, sem programma, sem directriz preestabelecida, o mais importante dos serviços nacionaes? Ora, as proprias palavras do infeliz projecto mostram que o tal instituto nada mais pretende ser do que uma assembléa decorativa, sem alçada

onde resolva, sem autoridade com que imponha: o que propuzer, será submettido ao grande Conselho, e este mandará ao ministro «as medidas alli approvadas». Como se vê, nada mais do que uma assembléa para suggerir, lembrar e nada mais.

Dir-se-á talvez que houve o proposito de traçar poucas regras no projecto, para que haja, no começo pelo menos, largo arbitrio afim de se suscitarem iniciativas, que não sejam logo suffocadas em nome de principios estatuidos sem muita observação? Seria uma excusa quasi toleravel, mas cae por terra quando se vê que na organização do ensino secundario e superior o projecto de uma lei geral, como é a do ensino, desceu a minucias como as do art. 102, em que se faz o catalogo das contravenções dos alumnos, sujeitas a penalidade.

A verdade é que, si o projecto fôr quanto ao ensino secundario e superior o que é quanto ao primario, não tem por onde se lhe pegue, e o governo fará obra meritória si deixar de lado o desconjunctado trabalho que lhe foi offerecido, e fizer tudo de novo, com os conhecimentos proprios do ministro e de seus auxiliares de immediata confiança, ouvidas as opiniões dos corpos docentes não contaminados do vicio da infiltração burocratica, de que soffre o autor do projecto, quem quer que tenha sido, e que é a peor das mazellas que podem corroer a organização dos serviços do ensino.

—»O«—

ENSINAR REFLECTINDO

Durante algum tempo *A Escola Primaria* estampou breves artigos, com o titulo de «Cartas Serranas», subscriptos por Maria Stella. Tratava-se de pseudonymo sob o qual se advinhava uma professora, no exarar juizos só decorrentes de experiencia profissional.

Como naturalmente muitos, lemos com interesse aquellas paginas ignorando-lhes a autoria. Sabemos agora, tambem sem duvida como muitos, que as «Cartas Serranas», de Maria Stella, nasceram da penna da professora D. Maria Amelia de Azevedo Daltro Santos. Acaba de reunil-as em volume, nitido e portatil, intitulado «De Ensino e Educação», acrescentando-lhes uma conferencia, pronunciada na Bibliotheca Nacional, a respeito de *A Dosagem* e a Impressionabilidade no Ensino Primario». As cento e sessenta e cinco paginas do livro de D. Maria Amelia Daltro Santos mostram bem ardente desejo de estudar a profissão, não a tendo por simples ganha-pão, exercida seja como fôr, considerada a

criança pretexto para receber vencimentos.

A professora Daltro Santos merece tal nome á vista das folhas do seu trabalho pedagogico.

Não escreveu a esmo. Abundantes conceitos do seu livro, pensado, mostram os nobres propositos de comprehensão e applicação de principios de quem os formula e sem duvida procura se não tornem letra morta.

«A terra que se nos offerece é acceitosa e bôa; tudo depende do *semeador*. Este, que ponha tacto na medida, e não se esqueça de que se boamente lançal-a á flôr do sólo, a preciosa semente será levada, em meio ás folhas seccas, pelo primeiro vento que soprar.»

Mas como ha de o *semeador* util desempenhar missão? Responde a autora, e a sua resposta é a condemnação dos mestres discursadores e dos programmas pomposos. Estabelece, com muita felicidade, a differença entre «dar por alto, *a vol d'oiseau*, dar vagamente, friamente, pela rama, como para cumprir apenas uma formalidade obrigatoria, e dar pouco, dar o essencial, mas detendo-se n'esse essencial, fazendo o ensino escrupuloso dos pontos capitaes, para respeitar o interesse, a curiosidade e o agrado no estudo. E' dar pouco, mas com cuidado no pouco; que mais vale uma parte bem sentida de que um todo vago e incerto. Isto já vem de ha muito escripto em lingua morta; *pauca sed bona*.»

Tudo quanto fica aqui expresso cremos convidará a lêr e meditar o livro de D. Maria Amelia Daltro Santos. Dentro d'elle é possivel formar uma serie de maximas pedagogicas só crystalisadas por quem entende e ama a carreira que abraçou; maximas como esta: «o bem deve manar de nossa palavra como um fructo inconsciente, que derivou da terra para fertilisar a propria terra» ou ainda esta: «o elogio constante envaidece e desacredita como a reprimenda repetida desencoraja e aniquila».

Desentranhando as «Cartas Serranas» das columnas da «A Escola Primaria», reproduzindo a sua conferencia na Bibliotheca Nacional, D. Maria Amelia Daltro Santos vulgarisa, com proveito geral, trabalhos que a recommendam no esforço pela honra da classe.

Methodos e programma escolar

(Ruy Barbosa)

Parecer sobre a reforma do Ensino Primario

Reforma dos methodos e reforma do mestre: eis, numa expressão completa, a reforma escolar inteira; eis o progresso todo e, ao mesmo tempo, toda a difficuldade contra a mais endurecida de todas as rotinas — a rotina pedagogica.

Cumpra renovar o methodo, organica, substancial, absolutamente, nas nossas escolas. Ou antes cumpra *crear* o methodo; porquanto o que existe entre nós, usurpou um nome, que só por antiphrase lhe assentaria: não é o methodo de ensinar; é pelo contrario o methodo de inhabilitar para aprender. A creança, esse bello organismo, animado, inquieto, assimilativo, feliz, com os seus sentidos dilatados pela viveza das impressões como amplas janellas abertas para a natureza, com a sua insaciavel curiosidade interior a attrahil-a para a observação dos phenomenos que a rodeiam, com o seu instincto investigativo, com a sua irreprimivel sympathia pela realidade, com a sua espontaneidade poderosa, fecunda, creadora, com a sua capacidade incomparavel de sentir e amar “o divino prazer de conhecer” — a creança, nascida assim, sustentada assim pela independencia dos primeiros annos, entra para o regimen da escola, como flor, que retirassem do ambiente energico e luminoso do céu tropical, para experimentar na vida vegetativa da planta os effeitos da privação do sol, do ar livre, de todas as condições essenciaes á natureza da pobre creaturinha condemnada.

O primeiro attentado que contra ella, contra a sua existencia normal, contra os seus direitos indefesos commettem o mestre e o methodo, é esquecerem no alumno a existencia de um corpo com as mais imperiosas de todas as necessidades. A escola olvida, ignora que a educação não actua sobre elementos impalpaveis, que a sua influencia se exerce continua e directamente sobre a saude do organismo.

O homem é um resultado moral do cerebro que a educação lhe formou. Para o mais intransigente dos espiritalistas, esta verdade é de um caracter tão ineluctavel, quanto para os que não admittem a alma immaterial. Quer vejamos no pensamento um facto puramente animal, uma secreção de substancia organica, uma expressão de simples alterações moleculares; quer o reputemos a manifestação de um principio superior á criação visivel, immortal entre as creaturas mortaes, — um ponto ha, em que as opiniões não de chegar necessariamente a uma consequencia commum: é que as funções do espirito, neste mundo, dependem tão directa e absolutamente da integridade das funções cerebraes, quanto da integridade do aparelho

gastro a vida da nutrição. Do mesmo modo que um estomago arruinado não se presta a digerir, um cerebro arruinado não se presta a pensar. A educação, portanto, está fundamentalmente subordinada á physiologia. Ha de “estudar as condições do orgão pensante em relação ao pensamento, precisamente como o physiologo estuda o olho nas suas relações com a vista”.

Os methodos dominantes, porém, estão em hostilidade aberta com as exigências desse factor decisivo na vida humana. O cerebro humano, “esse engenho de algumas polegadas apenas de diametro, cujo peso, termo médio, não passa de quarenta e nove onças, mas cujas cellulas e fibras se contam por centenas de milhões, variando, em espessura, de um millio-

nesimo $\left(\frac{1}{1.000.000}\right)$ até um trecentesimo

$\left(\frac{1}{300.000}\right)$ de polegada; esse engenho, onde

cada polegada quadrada da substancia cinzento fornece o substractum á evolução, pelo menos, de oito mil idéas impressas e distinctas, e cuja substancia total alimenta a evolução e impressão de dezenas de milhões de idéas que tem o poder de reavivar sob a acção do estímulo apropriado; esse engenho varias de cujas partes são sensíveis á innumeraveis vibrações por segundo; esse engenho que transmite a sensação, a emoção, o pensamento, a vontade por fibras distinctas, cuja promptidão tem sido subtilmente medida por fracções de segundo; esse engenho, esse mecanismo capaz de operar esses e outros prodigios sem consciencia de atrito, dor ou turbacão, comtanto só que o deixemos elaborar-se convenientemente, sem intervirmos na sua acção normal”, esse orgão admiravel, o maior assombro da criação organica — no periodo mais melindroso da sua existencia, na idade da sua formação, quando todo o constrangimento á liberdade das suas funções, á expansão natural das suas forças em germen, obra fatalmente sobre o seu destino e, portanto, sobre o destino do homem, que elle tem de governar, é submettido pela escola a um processo de coacção tenaz, de systematico atrophiamiento. Qualquer de nós, sem muito esforço, encontrará em si os vestigios indeleveis dessa influencia daminha, que deixa vincacões para toda a vida ainda os espiritos mais felizes os que têm a fortuna de vir a perceber algum dia o mal, e reagir contra elle.

O primeiro character dessa pedagogia desnaturada e homicida é a cultura exclusiva, mas,

inintelligente, brutal, da memoria. Despertar a curiosidade, innata ao homem e vivacissima no menino, eis o primeiro empenho do professor, num methodo racional. Da curiosidade nasce a attenção; da attenção a percepção e a memoria intelligente. “Ensinar a quem não tem a curiosidade de aprender, é semear um campo que não se arrou. Contenta-se o professor inhabil de apresentar aos discipulos a lição, e verificar mais tarde se a não esqueceram. Assim aquelles cuja memoria é prompta e tenaz, conservam o espirito num estado meramente passivo, como o individuo que andando muito tempo exclusivamente de palanquim, acabasse por perder quasi de todo o uso das pernas. Depois espantam-se de que pessoas *tão bem ensinadas*, e de tanta facilidade no aprender e recordar, não venham a ser homens habéis; *cousa tão razoavel, quanto suppor que uma vasta cisterna, por que uma vez se encheu, se houvesse de transformar em fonte perenne*”. Este vicio, tão appropriadamente caracterizado pelo arcebispo Whately, é, ordinariamente, menos um signal da incapacidade do mestre, do que uma expressão da impropriedade do methodo.

Esse methodo é o que cumpre erradicar. Elle automatiza, a um tempo, o mestre e o alumno, reduzidos a duas machinas de repetição material. Por elle o ensino, em vez de ser uma força viva, encarnada no professor, consiste apenas num grosseiro processo de moldar rigorosamente a lição do mestre pelo texto do livro, e industrializar nos habitos de uma reprodução esteril, pela phrase inflexivel do compendio e pela palavra servil do preceptor, o espirito do alumno. O menino não é uma alma: é uma taboa, onde se embute. O cerebro não se trata como um composto organico, vivente, mas como uma verdadeira massa inertemente plastica, amolgavel aos mais absurdos caprichos. A educação não se considera como um facto physiologico e moral, mas como uma especie de trabalho de marchetaria. O menino que maior numero de paginas gravar textualmente na cabeça, que por mais tempo as retiver na mente, que mais prompta e exactamente as dsdóbrar a uma pergunta do questionario adoptado, esse a mais applaudida, a mais premiada é a mais esperançosa figura da classe.

“A mór parte das creanças e mancebos” (dizia Stuart Mill, referindo-se a um estado de cousas aliás notavelmente superior ao nosso) “em cujo espirito se introduziu muita cópia de noções, vêm a ficar, não fortalecidos, mas ajoujados nas suas faculdades mentaes. Repletos de factos, opiniões e phrases alheias, que supprem, nesses espiritos, o poder de formar opiniões proprias, — muitos filhos de homens eminentes, que se não forraram a sacrificios por educar a prole, crescem meros papagueadores (*parroters*) do que lhes ensinaram, incapazes de orientarem-se fóra da calha que essa educação lhes traçou. Não foi, porém, essa educação de empachamento (*cram*), a que eu tive. Meu pae nunca admitiu que a minha instrucção degenerasse em mero exercicio da memoria. Antes forcejou sempre, não só para que o desenvolvimento da intelligencia acompanhasse invariavelmente lado a lado o curso do ensino, como para que,

em sendo possivel, o precedesse. Não se me dizia cousa nenhuma, que eu pelos meus esforços pessoasoas pudesse descobrir; deixando-se-me apurar toda a minha diligencia, para atinar, por mim mesmo, o que devia aprender.”

O *methodo* da escola, entre nós, é precisamente o oposto do adoptado por James Mill na educação de seu filho; e os menos infelizes fructos do ensino, em nosso paiz, rarissima vez se avantanjam em qualidade ao que Stuart Mill averbou de crear papagaios, e empanzinar o entendimento.

Para formação completa do nosso juizo, buscámos estudar a situação real das cousas no municipio neutro. O relator da vossa commissão teve o desgosto de encontrar, nas melhores escolas officiaes da localidade, este desgraçado achaque. Por via de regra os mestres são os menos culpados nesta imbecillisacão official da mocidade. Deste enorme peccado contra a patria e contra a humanidade a responsabilidade cabe quasi toda á pessima direcção do ensino popular, aos methodos, aos livros adoptados, — num systema em que a adopção importa, de facto, um verdadeiro privilegio.

De um livrinho dos mais recentes, cujo titulo indica no autor a persuasão de haver reunido para o ensino da infancia um verdadeiro escritorio de joias intellectuaes, descobrimos, logo á primeira pagina, este periodo, que dá cópia do mais.

“A função do Governo é antes negativa que positiva e activa, e reduz-se em grande parte a um systema de protecção, protecção da vida, da liberdade, da propriedade.”

Esta lição, que parece destacar-se de um tratado de alta philosophia politica, é nem mais nem menos que o introito de um livro de leitura para a puericia, licenciado pela chancellaria das approvações officiaes, e recommendado como um conjuncto de “noções de assumptos uteis, *mui elementarmente* expendidas.

No decurso delle ha pensamentos como este:

“A cadeia do exemplo abrange todas as idades na successão infinita dos seus aneis, e a admiração, mái da imitação, perpetua através dos seculos a verdadeira aristocracia — a do genio.”

Será elegante a phrase e primoroso o lavor litterario. Será. Mas deveras é esse o estylo intelligivel entre creanças? Haverá uma só dentre ellas, que, por entre imagens e fórmulas abstractas, fixe uma idéa, acrescente ao seu cabedal uma novidade? A noção de perpetuidade, a de infinito, a de genio, a de aristocracia, essa cadeia que reúne todas as idades nos seus élos invisiveis, a personificação de dois sentimentos ligados entre si pelos vinculos de descendencia e paternidade serão, como o autor presume, elementos accessiveis ás faculdades perceptivas de um menino?

Quando se abalançam até á região da sciencia, e pretendem afeição-a ás forças intellectivas da creança, eis como essas obras

escolares se tornam transparentes ao entendimento rudimentar da puerícia:

“Os productos gazosos, que precedem, e acompanham as erupções, são: no periodo mais activo — chlorureto e sulfato de sodium, depois — carbonato e chlorureto de ammonium; decrescendo a actividade — oxydo de carbono, acido carbonico, agua e hydrogenco sulfurado, que se decompõem, produzindo o enxofre, e constituindo assim as sulfataras. Finalmente — acido carbonico e agua.”

Isto, que qualquer ahi tomaria por um trecho destacado dentre os apontamentos de um chimico, é nem mais nem menos que um complexo *elementar* de noções *uteis* ás intelligencias ainda em embryão! Tem idéa o menino do que vêm a ser os chloruretos, distingue o carbono dos sulfatos, conhece o calcium, o ammonium, os oxidos? Que importa! Fartar, atestar, ingurgitar a memoria, eis a questão.

Quem não se tiver dado ao trabalho de estudar intimamente este assumpto, desconfiando das apparencias, e penetrando até ao fundo ingrato da realidade, não sonha, sequer, o que vae de incrível entre os abusos desse systema e de pernicioso na sua influencia.

Acabaes de ver como se procuram incutir á puerícia noções *elementares* de sciencias naturaes. Julgae agora como se professa, em escolas brasileiras, a historia e até a *mythologia*. Foi num exame escolar que o relator da vossa commissão ouviu estas perguntas.

— Qual o primeiro donatario de Santo Amaro?

— A quem tocou primeiro a capitania de São Vicente?

— Qual o primeiro donatario de Ilhéos?

— Quantos reis hespanhoes governaram o Brasil?

— Qual é o animal que a *mythologia* figurava com tres cabeças?

— Qual foi o guerreiro que arrastou tres vezes o corpo do seu inimigo vencido em torno dos muros de uma cidade tão celebre quanto desgraçada?”

A promptidão em responder sacramentalmente a estas questões, sacramental e emphaticamente dirigidas, constituia para os mestres a medida do aproveitamento dos alumnos; emquanto para nós, para o observador attento e condoído, era o mais manifesto symptoma da incompetencia dos mestres, aos quaes aliás, devemos dizer, não faltava estudo, talento e vocação (tanto pôde, ainda nas intelligencias bem formadas, a força da rotina!).

Destruída assim nas creanças a curiosidade natural, perdem de todo o habito de procurar o sentido ás palavras, que repetem. Aprendem por livros, onde se lhes falla no *peccado original, actual, mortal e venial*, em *igreja militante, paciente e triumphante*, em *jejum natural e eucharistico*, em *latria, dulia e hyperdulia*, em *graça actual, habitual e santificante*, em *indulgencia parcial e plenaria*, em *impedimentos impedientes e dirimentes*, em *materia e fórma dos sacramentos*. Desacostumam-se, porém, de pensar, ao ponto de não discernirem, nas expressões mais frequentes e comesinhas no uso diario das lições, o nexo que as prende aos factos e ás cousas mais triviaes e ordinarias da vida.

“Lembro-me”, diz um grande escriptor americano, “de uma menina perfeitamente desenvolvida no estudo escolar da geographia e astronomia, que ficou espantada um dia, ao saber que o chão do pateo da casa de sua mãe fazia realmente parte da superficie da terra.”

O pasmo desta creança é o de todas as victimas da educação mecanica, ao começarem a perceber, já tarde, os primeiros traços da realidade, através das palavras convencionaes e dos factos desconnexos agglomerados a esmo na intelligencia nascente.

Dickens esboçou este systema, que é a explicação da esterilidade de muitas épocas e da inanidade de muitos povos, num dos seus quadros admiraveis pelo espirito, pela philosophia e pela verdade. Todos nós aprendemos, e a geração que nos ha de succeder, está aprendendo ainda, pelo processo do Dr. Blimber e sua filha Cornelia na educação do pequeno Paulo Dombey. “A livraria do nosso amiguinho abarcava um pouco da lingua vernacula e seu bocado de latim, nomes de cousas, declinações de artigos e substantivos, exercicios, regras preliminares, um nada de orthographia, qualquer relancear de olhos pela historia antiga, um pestanejar da moderna, alguma taboada, duas ou tres noções de pesos e medidas e certas informações geraes. Quando Paulo chegou a decifrar o numero dois, deu fé de que já não tinha lembrança do numero um; dos restos embutiu-se-lhe mais tarde o numero tres, que resvalou á somma de quatro, até que este se atrapalhasse, embaraçando-se na idéa de dois. De modo que, no espirito da creança, ficaram a oscillar como assumptos de controversia (*open questions*) as questões de saber si vinte Romanos compõem um Remo, si *hic haec hoc* e um arratel são uma e a mesma cousa, si o verbo concorda sempre com um artigo bretão, si tres vézes quatro fazem *Taurus*, ou um toiro”.

Este chaos é o resultado natural do systema praticado geralmente, nos paizes, como o nosso, onde a renovação ainda não principiou. Pela vista a memoria do menino é submettida á acção directa dos textos do compendio, como a lamina de uma photogravura aos raios do sol. Pelo ouvido soffre longa e reiteradamente a influencia do ensino formalista do mestre, como superficie inerte de um phonographo exposta á impressão da voz. O resultado seria soberbo, magnifico, si a rotina houvesse descoberto o meio de applicar á educação humana os methodos de reproducção industrial das imagens e perpetuação mecanica dos sons. Mas, como a natureza invencivelmente repelle esta affinidade entre os dois processos, o effeito inevitavel do systema puramente mnemonico é o mais extravagante, o mais tumultuario, o mais desastrado atropello de formulas e palavras no cerebro da creança.

João Paulo Frederico Richter, na sua Autobiographia, fez o merecido elogio da *sublimidade* desse methodo. “De tal desenvolvimento é capaz,” suggeria elle, “esse processo de ceva intellectual da infancia, que eu mesmo me abalançaria a dirigir, *pelo correio*, uma escola completa em Nova York; daqui, a cincoenta dias de distancia do Novo Mundo, me-

ramente com expender por escripto aos meus discipulos, dia por dia, o que houvessem de aprender; não me sendo preciso mais que ter alli qualquer sujeito insignificante, a quem elles o repetissem. E emtanto eu, de longe, desfructaria a consciencia das *bellas recordações* conservadas por meus alumnos desse curso de instrucção de cor!”

Lubbock, profligando o ensino arido, “livresco (*bookish*)”, ministrado em certas escolas, queixa-se de que os methods em voga descansam excessivamente na memoria e muito pouco na razão; de que façam demasiado uso dos livros e muito pouco das cousas; de que sacrifiquem a educação á instrucção; de que confundam o ensino pela leitura com a sciencia real; de que, em vez de affazerem o espirito a obrar com liberdade e discricção, obstruam o mecanismo do cerebro humano com uma poeirada de factos, confiados, quando muito, á memoria, enquanto o que cumpria, é convertel-os em parcella integrante do espirito da creança.” O illustre vice-chancellor da Universidade de Londres reclama o uso de methodos mais vivos, mais inspirados nas necessidades da vida (*more life-like*), e condemna como “o grande perigo da educação esse reinado supremo e essa idolatria do ensino pedantesco”.

Pois bem: essa exclusiva soberania, esse culto religioso da educação mecanica floresce entre nós como em parte nenhuma. Lavra como peste da escola ao lyceu, do lyceu ás facultades. Passa da cartilha aos pontos de exame, dos pontos de exame ás postillas academicas. E’ do nosso paiz que se poderia dizer, com a mais rigorosa justiça, o que menos justamente asseverava, ha annos, da França a parcialidade de um aliás eminente escriptor allemão: “O ensino de cor praticase desde as infimas até ás mais altas classes, e na mais ampla escala. Uma lição de historia cifra-se em aprender uma série de datas, sem as verificar, e em adoptar sem exame opiniões formadas por outros. Repetir uma fieira de nomes de cidades e montanhas, especialmente das subdivisões e cidades principaes do paiz, eis uma lição de geographia. A physica e a chimica estudam-se, sem experimentar; a historia natural, sem observar e, ao cabo, algumas formulas escolasticas, logicas, psychologicas e metaphysicas rematam o curso, e completam a instrucção.”

Já Bacon fazia votos para que se reprimisse o abuso dos compendios. Entre nós, porém, a leitura e repetição formal do livro constituem a instrucção toda. A natureza do menino resente-se do mais vivo appetite de realidade; e dão-lhe por pabulo creações de uma phraseologia vã. Tem sede de idéas concretas; e alimentam-n’a de abstracções impalpaveis. Carece energicamente de conhecer, e todo o ensino que lhe ministram, gyra num circulo, em que o entendimento infantil não penetra, e as mais das vezes não pôde penetrar, o espirito das lições que lhe recitam. Phrases e idéas inverificadas ou inverificaveis: eis toda a nutrição intellectual que essa tradicional pedanteria proporciona á puerícia, sequiosa de saber positivo, de conhecimento pratico das cousas. “Quando vemos a mente

juvenil assoberbada de generalidades, antes de possuir nenhum dos dados concretos a que ellas se referem; quando vemos as mathematicas admittidas sob a fórma puramente racional, em logar da fórma empirica, por onde o menino devia principal-as, como as principiou a especie humana; quando vemos um estudo tão abstracto como a grammatica incluído entre os primeiros, e não entre os ultimos, quando encontramos, em summa, a escola reduzida á mnemonisação passiva, á recitação material e á leitura inconsciente dos livros mais inconciliaveis com as exigencias da natureza; quando vemos as gerações nascentes mirrarem sob a influencia desses methodos abominaveis, — desta semente óca, crestada pela educação, que a devia fecundar, não podemos esperar senão uma nacionalidade esteril, depauperada, valetudinaria, amanhada para todas as humilhações e todas as sorpresas de um destino, de que a sua educação não a preparou para assumir a iniciativa, prever as contingencias, e dirigir o curso.

O mais serio voto da reforma, portanto, deve ser predispor as circumstancias para um systema de ensino popular, em que “o espirito da creança não seja contrariado e tolhido no seu desenvolvimento pelas lições mechanicas de mestres incapazes (*stupid*); em que a instrucção, em vez de ser, para o preceptor e o discipulo, um mutuo incommodo, seja um prazer commum, satisfazendo, na ordem apropriada, ás facultades, cada uma das quaes vehementemente aspira a uma instrucção apresentada sob a devida fórma.”

A escola reformada ha de ser absolutamente a antithese da escola actual.

A escola actual prescinde absolutamente do corpo e do espirito; desconhece as leis fataes do desenvolvimento physiologico da creança; e, em vez de contribuir, por meio de cuidados intelligentes para a evolução natural da vida organica durante a primeira idade do homem, não actua sobre ella senão com uma das influencias mais perniciosas, uma das mais activas agencias da depauperação da especie. Cuida espiritualizar a educação, desconhecendo o papel primario deste elemento na educação moral e na educação intellectual. A natureza, porém, não abre mão dos seus direitos. A hygiene do corpo e a hygiene da alma são inseparaveis. A sciencia clama, com as provas mais irrefragaveis em punho: A intelligencia, neste mundo, carece tanto do cerebro, como as funcções respiratorias do pulmão. O cerebro depende tanto do avigoroamento geral dos órgãos que o alimentam, quanto o fructo da arvore que o brotou.

Ora, “nós precisamos de um cerebro são, tanto para reger uma casa, quanto para capitanearmos um navio, tanto para guiar bem a familia, quanto para presidir acertadamente a um congresso, tanto para as minimas, quanto para as maximas obras humanas; além de que, em ambos os sexos, o cerebro é o conservador da força e o prolongador da vida. A’ sua importancia como organ de entendimento, da volição e da energia espiritual, accresce que a força evolutiva delle, mais que a força evolutiva de outro qualquer organ, é o que habilita o homem e a mulher a supportarem os encargos,

e cumprirem os deveres da existencia; e com o seu concurso, melhor que o de toda a medicina, é que se "vencem os males da carne". Logo, conclue perfeitamente a sciencia, "a *construcção do cerebro* é o grande problema social destes tempos; e aos preceptores incumbe larga parte na solução. Resolvido este, facil será liquidar os outros; porquanto o cerebro humano é a ultima, a mais sublime, a "consummada flor" do desenvolvimento da natureza neste planeta. *Mas não é possível obtel-a, senão como a corôa de todo o corpo e, em grand parte, como resultado delle*". Ora, a evolução do cerebro humano, em cujo desenvolvimento regular se contém o destino social e moral de cada individuo, liga-se radicalmente á direcção que esse orgão receber no primeiro periodo da vida. Logo, importa urgentemente, como necessidade capital, restituir ao corpo, a esse "tabernaculo da alma", como o denominava Bacon, o seu lugar eminente na escola.

A escola actual impõe-se, nos seus methodos e no seu programma, ás indicações da natureza. Entretanto, "a educação, seja qual for a importancia da sua tarefa, seja qual for a audacia, com que se haja no despir-nos da condição e, até das prerogativas da animalidade, nem por isso é menos incapaz de accrescentar um atomo á essencia do processo, mediante o qual a nosa especie se elevou de intuições confusas a noções precisas. Não o pôde, nem o deve".

Quando a reforma enuncia a aspiração de additar, com estudos omittidos até hoje neste paizo, programma da escola, não faltam á ignorancia os conhecidos logares communs, para declamar contra a inconveniencia dos "programmas *sobrecarregados*". Sobrecarregados, porém, são precisamente os programmas adoptados hoje; e é contra isso que nos levantamos. Todo o programma de ensino irracionalmente concebido e irracionalmente praticado, não educa, não instrue, não esclarece; debilita, vicia, sobrecarrega o entendimento. Qualquer dos assumptos do programma vigente, a leitura, a escripta, a grammatica, ou o calculo elementar, constitue de per si só, leccionados como hoje se leccionam, um alimento indigesto, um fardo intoleravel ás funcções da nutrição intellectual da creança. Porque? Porque nem na organização do programma, nem no methodo que o executa, se respeita, se acompanha, se encaminha a natureza.

Havéis de educar o menino, como a natureza educou o genero humano. Eis o principio, a lei, a sciencia de toda a pedagogia racional.

As faculdades desenvolvem-se no individuo infante, como se desenvolveram na especie nascente. A differença entre o processo historico da civilização e o processo escolar da educação está unicamente na vantagem, que o acaentado grão do desenvolvimento humano lhe proporciona hoje, de reunir e condensar as acquisições accumuladas pelos seculos, facilitando á primeira expansão da intelligencia individual no ensino as condições de experiencia e observação, tão difficeis á humanidade nos primeiros estados do seu desenvolvimento.

Mas a escola ramerraneira procede em sentido exactamente opposto.

Começa por desconhecer nos sentidos o

instrumento fundamental da educação humana. Froebel, "o verdadeiro psychologo da vida infantil", moldou profundamente o seu systema educativo pela verdade, capital hoje em pedagogia, de que o desenvolvimento espirital e o desenvolvimento physico não andam separados na infancia, — antes cerradamente se entrecem um com o outro; de que, no começo da vida, não ha desenvolvimento perceptivel, a não ser pelos orgãos do corpo, os quaes constituem os instrumentos primordiales do espirito; de que a primeira expansão da alma se effectua par a par com a dos orgãos physicos, e por meio delles; de que é pelo exercicio dos sentidos que a primeira educação ha de actuar sobre o espirito nascente; de que, durante a idade inicial da existencia humana, as impressões sensorias encerram em si o *unico meio possível* de despertar a alma.

Educar á vista, o ouvido, o olfacto; habitar os sentidos a se exercerem naturalmente, sem esforço e com efficacia; ensinal-os a apprehenderem os phenomenos que se passam de redor de nós, a fixarem na mente a imagem exacta das cousas, a noção precisa dos factos, eis a primeira missão da escola, e, entretanto, a mais completamente desprezada na economia dos processos rudimentares que vigoram em nosso paiz. A natureza continuamente nos está ensinando este caminho, revelado por todos os instinctos da infancia; mas a rotina é incapaz de curvar-se á necessidade intelligente que nos aponta nos instinctos normaes da infancia a base de toda a educação salutar. Vive toda a gente ahi na persuasão de que vê, sem carecer de exercitar-se em ver, ouve sem se acostumar a ouvir, distingue a realidade sem precisão do habito de aplicar accuradamente as faculdades de observação. A verdade, porém, é que, adormecidas essas disposições naturaes pelo desuso em que nos cria uma educação insensata, assistimos cegos e surdos a uma infinidade de factos e deixamos passar despercebidas um numero innumeravel de cousas, que constituiriam por si sós o fundamento de toda a nosa instrução durante a existencia inteira. "Os meninos carecem de aprender a ver, como de aprender a pensar". Affeiçoaram-nos a encherger e escutar pelos olhos e ouvidos alheios, a saber da natureza pelo testemunho dos outros, a discorrer pela razão estranha; e o resultado é inhabilitarmos para discernir a realidade que a escola nos devia preparar para conhecermos directamente, mas que estudada nas palavras do livro ou do mestre, encarna-se em phrases consuetudinarias, não deixando no espirito senão impressões nullas, incompletas, ou falsas. "Sabe-se", observava Michel Bréal, "quão difficil é de estabelecer por depolimentos um ponto de facto; mas as causas que fazem tão embaraçoso o conhecimento da verdade, não consistem sómente na paixão e no interesse; as mais das vezes temos de avir-nos com testemunhas, cuja memoria, em vez de reter a imagem exacta do que presenciaram, modifica os acontecimentos segundo certo ideal que trazem na cabeça;" Por ahi se podem avaliar de longe as consequencias incalculavelmente funestas desse methodo na formação das almas e na preparação do futuro social. Uma das condições cardeas da reforma escolar, portanto, está em fazer da intuição a base de todo o methodo, de todo o ensino, de toda a educação humana.

O verbalismo, esse vicio universal da nosa instrução, que o sabio philologo e pedagogista francez, depois da guerra de 1871, denunciava como "a chaga" da educação nacional no seu paiz, substitue, na criança, o pensamento individual por simulacros de procedencia alheia, introduzidos como corpos inassimilaveis no cerebro do alumno. Na escola actual o ensino começa pela synthese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstractas. Será este o processo da natureza na formação das poucas idéas de origem pessoal que esse malefico systema de educação permite germinar em nós? E' analyticamente, é discernindo as paridades e as diversidades, é associando as semelhanças e oppondo os contrastes, que a intelligencia do individuo, entregue a si proprio, como a da humanidade na sua infancia, arrisca, e acerta os primeiros passos na vida. "Emquanto o mundo organico se constitue quasi que só de quatro elementos chimicos, o mundo intellectual forma-se exclusivamente, em ultima analyse apenas de *dous* elementos simples: a percepção das semelhanças e a percepção das differenças entre os objectos do nosso conhecimento".

Comparando, distinguindo, e combinando, portanto, é que o menino chegará, pelo methodo natural, á comprehensão dos caracteres que separam as cousas, á fixação das affinidades que as ligam á determinação das relações que as communicam, á inducção das leis que as dominam, e explicam.

No systema em voga entre nós todos os conhecimentos resultantes dessa serie de operações mentaes se procuram levar ao espirito do alumno cathecheticamente, reduzida a intelligencia da criança á mais inactiva receptividade. Os frutos desse methodo são ephemeros e damnhos: passam, sem deixar reminiscencia, e esterilizam o solo, a que foram impostos. "Em dias invernosos", dizia Pestalozzi, "brotam rapidamente os cogumelos. Do mesmo modo, e não menos de improviso, as definições não intuitivas fazem desabrochar uma sciencia, que, semelhante a cogumelo, bem depressa fenece, exposta ao sol, e sobre a qual actua como veneno a serenidade do céu. A vã ostentação de palavras de que se compõe essa sciencia sem raizes, produz homens que imaginam haver tocado a méta em todos os ramos do saber, só porque consomem a existencia a dissertar penosamente acerca desse alvo; mas, de facto, não se occupam jámais de correr a elle não tendo, em toda a sua vida, encontrado na intuição esse encanto e attractivo indispensaveis para arrastar os homens ao minimo esforço. Não são raros, nesta nosa época, os individuos dessa especie. A enfermidade da nosa geração consiste numa sabedoria que nos conduz a sciencia *pró formula*, como quem conduzisse um paralytico a uma arena de corridas; quando a primeira condição, para que elle algum dia pudesse correr, era antes de tudo, reaquirir o uso das pernas".

"Quem conhecer o estado mental de nosa patria, não terá duvida em confessar que este é, igualmente, o achaque geral da nosa época e da nosa terra. A escola é o primeiro e o mais decisivo factor nessa deturpação da humanidade. Como não ser assim? "Que flôr solitaria deu nunca de si o pensamento, o affecto, ou a vontade humana, que não estenda a sua

raiz mestra até o subsolo dos primeiros annos da vida?" O ponto de apoio da educação deve, portanto, mudar; deixar de assentar-se exclusivamente no espirito do mestre, para se fixar principalmente na energia individual nas faculdades productoras do alumno. Cumpre fazer do discipulo "o cooperador do mestre", alargar o seu trabalho pessoal, solicitar, fecundar "a expansão das forças interiores", estimular o esforço intimo, as aptidões instinctivas e, se nos permitem, a *inventividade* natural do alumno. "Toda a lição é morta de nascença, se não promove a curiosidade da creança", reflecte a directora do *Curso Normal de Educação* em Bruxellas. E o meio fundamental de predispor esse elemento imprescindivel de fecundação do entendimento está em fazer da instrução uma conquista individual do espirito do alumno. "Os esforços do mestre hão de tender menos a explicar os factos, do que a collocar os no dominio da experiencia pessoal do discipulo. Não diga senão o que este não pôder descobrir pela força dos sentidos, ou pela do raciocinio. Suas lições e os livros darão forma definitiva e exacta ao saber que a criança começou por adquirir intuitivamente. O methodo experimental, que renovou as sciencias no seculo XVI, é o unico tambem capaz de guiar na conquista da verdade a mente juvenil". Verdades irrefragaveis, que Froebel compendiou nestas palavras da mais solida sabedoria pratica: "Sem duvida, mais facil é receber juizos alheios, do que formular cada qual o seu. Mas a quarta parte de qualquer resposta com que a criança atine, vale infinitamente mais para a sua instrução, do que a metade, comprehendida pelo menino, de uma resposta enunciada por vós. Limitai-vos a assegurar aos vossos filhos condições que os habilitem a acertar com a resposta".

Approximando-nos da natureza, emquanto ao methodo de ensinar, a reforma não está menos adstricta a respeito-a quanto aos limites do ensino essencial a toda creatura humana. A este respeito as grandes capacidades philosophicas e as grandes notabilidades pedagogicas deste seculo estão intimamente de accordo. O principio do ensino integral, entrevisto pelo alto engenho de Rabelais e formulado pela philosophia positiva, é o norte, a que deve tender a reorganização da escola. O individuo é apenas uma condensação da humanidade; releva, portanto, juntar na composição do seu espirito os elementos essenciaes que concorreram no processo historico do desenvolvimento geral do espirito humano. "A melhor instrução consiste numa recapitulação, tão completa quanto ser possa, do progresso que a humanidade tem effectuado por entre o curso dos seculos. Instruir um homem é communicar-lhe não só a experiencia dos anciãos, mas tambem a de todas as gerações que viveram antes delle. O sentido desta aspiração da pedagogia moderna transluz nestas palavras de um americano: "Empenha-se a educação em converter a carreira do individuo num epitome infinitamente abreviado do curso da existencia da especie humana; em fazel-o percorrer com a velocidade do relampago o terreno arduamente atravessado por aquelles que nós precederam; em eleval-o nalguns annos á eminencia, cujo acesso custou dezenas de seculos aos nossos antepassados. O cabedal completo da cultura humana, porém, no complexo total dos pormenores que

o constituem, muito ha que se tornou demasadamente vasto, para caber num homem a presumpção de senhoreal-o. O mais a que se pôde, portanto, aspirar, é a adquirirmos a somma e substancia delle, os seus mais preciosos resultados e sentirmo-nos inclinados para esse conjunto por uma sympathia assimilativa, que nos permittia o sentimento do seu valor, e por elle nos dignifique. A esta virtual influencia da educação integral, até onde ella jaz ao alcance, e applica-se ao uso de todos os homens, damos nós o nome de cultura individual”.

Este sentimento de dignificação do individuo pela communhão da sua intelligencia com a ca especie não pôde resultar senão da integralidade universal do ensino, idéa que, na sua tendencia moderna, “derivou do sentimento profundo da igualdade e do direito, que a toco homem assiste, sejam quaes forem as circunstancias em que o accaso o fez nascer, de desenvolver, da maneira mais completa possível, todas as suas faculdades physicas e intellectuaes”.

Caberá, porém, nos limites do possível a applicação do principio da integralidade do ensino á escola primaria? As intelligencias mais eminentes, os homens da mais perfeita competencia no assumpto não vacillam em responder, hoje, affirmativamente: “Tenho”, diz Huxley, “uma idéa mui clara do que deve ser a instrução elemental, do que ella realmente pôde ser quando acertaçamente organizada (*what it really may be when properly organized*). A instrução, nesse gráo, deve habilitar um moço de, termo médio, quinze a dezeseis annos, a ler e escrever a lingua vernacula com desembaraço, correção e certo sentimento da excellencia litteraria, adquirido no estudo dos nossos escriptores classicos; possuir um conhecimento geral da historia patria e das grandes leis da existencia social; ter assimilado os rudimentos das sciencias physicas e psychologicas e conhecer cabalmente os elementos da arithmetica e geometria. Cumpre, outrossim, achar-se instruído na logica antes por exemplos que preceitos; adquirindo, ao mesmo tempo, antes como recreação que como tarefa, os elementos da musica e do desenho. Assim que a universidade não carece de occupar terreno diferente do occupado pela escola elemental. E nem o pôde; visto como a instrução que acabo de esboçar abrange todos os generos de conhecimentos reaes e de actividade mental possíveis ao homem.”

O principio positivo, que pretende estender á escola a instrução encyclopedica, amplial-a, como base, como estofo commum á educação da intelligencia humana, a todas as camadas sociaes, é incomparavelmente mais exequível do que os programmas escolares actualmentes praticados entre nós. Insinuar *pelos methodos objectivos*, no espirito da creança, as noções rudimentares da sciencia da realçade, inocular-lhe na intelligencia o habito de observar e experimentar, é infinitamente menos arduo que martellar-lhe na cabeça, por meio de noções abstractas e verbaes, o cathecismo, a grammatica e a taboada. Num caso trata-se apenas de encaminhar suavemente a natureza, no outro, de contrarial-a systematica e brutalmente. “Metade do tempo que empregam os methodos do ramerrão em inspirar ao maior numero das creanças o horror da sciencia, é quanto basta-

ria para proporcionar a todos uma instrução primaria encyclopedica. Nada obsta que se condensem num opusculo, menos volumoso que o conjuncto do cathecismo com a historia sagrada, as cousas essenciaes em cada ramo do saber positivo”. Outra autoridade, das mais modernas, e das de mais respeitada profiscencia, reconhece, aliás sem pertencer á escola positiva, que “ha meio de proporcionar e adaptar todos os conhecimentos á intelligencia dos alumnos de dez a doze annos

De certo os incapazes pelos habitos da sua educação, de perceber que a instrução integral não tem por fim armazenar no espirito do alumno um arsenal de noções avulsas, accumuladas na memoria como os artigos de uma encyclopedia, mas desenvolver harmonicamente pela sua gradação natural, todas as faculdades e energias humanas, condemnadas pelos methodos actuaes a eterno lethargo têm razão, consideradas as cousas pelo seu prisma, de motejar, e classificar de pretencioso, chimerico, irrealisavel o programma da reforma. Se já tão gravosos são para a intelligencia infantil os programmas tradicionaes! Quando estes, na sua formula primitiva, inalteravel de — ler, escrever, contar e resar — não inspiram á maioria das creanças senão medo, enfaço, canceira e desalento, — que será, se os ampliarmos ao ponto de comprehenderem no dominio da escola commum a substancia essencial do saber humano?

Rematado engano é, porém, acreditar que o nosso intento seja introduzir o novo programma por uma especie de encherto nos programmas antigos. O mal é intrinseco á natureza destes, ao seu espirito, á sua orientação, aos seus processos. O que, portanto, cumpre é repudiá absolutamente o que existe, e reorganizar inteiramente de novo o programma escolar, tendo por norma esta lei suprema: conformal-o com as exigencias da evolução, observar a ordem natural, *que os actuaes programmas invertem*. “Queixam-se muitas vezes paes e mestres da preguiça e má vontade dos meninos. Mas dos mestres e pais é toda a culpa, ou antes dos seus methodos. Educadores ha, que acham meio de desgostar os mais bem dotados alumnos; como ha cavalleiros que têm o dom de avesar a rebellões os melhores animaes. Lendas religiosas ou mysticas, entidades metaphysicas, a grammatica, a sophistica e a eristica, envoltas em nescio e pretencioso palavreado não convêm á infancia faminta de saber positivo. Todos esses objectos, que não correspondem a uma necessidade immediata, são a morte da intelligencia.

A infancia seria grata a quem lhe triturasse a tarefa da sua instrução. A verdade é singela; nada nos inhiibe de exprimir-a singelamente, pondo-a ao alcance de todos os entendimentos. Não ha creanças preguiçosas. Apathia é, pouco mais ou menos, synonymo de doença. O menino sadio esgota a sua actividade toda; não a consagrando ao estudo, vai dissipal-a em cousas que mais o attraiam; e essas cousas são sempre as que conformam a evolução natural. Regulando as nossas exigencias pela evolução, não encontraremos meninos madraços.

Qual será, porém, o curso natural da educação evolutiva? O que o principio anthropologico nos está indicando; o que resulta da his-

toria do desenvolvimento do homem na superficie da terra. Demonstra-se a perfeita racionalidade desse criterio, applicação á educação scientifica do homem, pela identidade exacta entre a progressão que seguem as faculdades humanas no desenvolvimento natural, biologico, espontaneo do individuo e da especie.

A primeira necessidade experimentada, na infancia do individuo e na da humanidade, é a da mais plena satisfação da vida physica. A par das funções nutritivas, o appetite do movimento, a mais invencivel tendencia á actividade corporea, dominam o homem nesse periodo da vida. Dahi a importancia fundamental da gymnastica, da musica, do canto, do programma escolar. Actividade intelligentemente regulada, methodisada, fecundada pelo exercicio geral e harmonico dos orgãos do movimento e do aparelho vocal: eis o primeiro dever da escola para com a infancia, a homenagem mais elemental rendida aos direitos da natureza na constituição normal do homem.

Simultaneamente com a gymnastica, que deve acompanhar, desde a escola primaria, a educação em todo o seu curso, impõe-se á escola a necessidade de educar as faculdades de observação, que raíam no espirito da creança com o primeiro despontar da intelligencia. Já o disse um escriptor eminente nestes assumptos: “O menino é a curiosidade em pessoa. Pôde-se definir a infancia — uma humanidade sem experiencia, avida de conhecer, e instruir-se”. Instintivamente observadora, a creança é systematicamente contrariada no desenvolvimento dessas aptidões pelos methodos e programmas em vigor, que, entre essa insaciavel sede natural de sciencia e a realidade que a chama, e a tem de satisfazer, interpõe o formalismo de um ensino meramente *verbalista*. “A tyrannia do phraseado”, como lhe chamou Huxley, que reina soberanamente sobre a retina escolar, occulta ao menino esse “mundo dos factos, que se entende para além do mundo das palavras”; habitua-o “a conhecer unicamente os livros, que para elle ficam sendo mais reaes do que a natureza”.

Mas não foi lendo, que a humanidade começou a orientar-se no meio do universo; nem é decifrando caracteres, syllabas, nomes e phrases que o menino se ha de pôr nessa comunicação directa com a natureza, de que depende todo o conhecimento, toda a instrução real. Observando immediatamente as cousas, exercendo-se em ver, em discernir as formas, em avaliar a relatividade das distancias e das extensões, em apanhar os sons, em lhes discriminar a intensidade, o timbre, a direcção, a procedencia, em apreciar pelo tacto as superficies, em differenciar as sensações do paladar e do olfacto, é que se accenderá, se apurará, se activará na infancia o instincto da observação, origem de toda a actividade intellectual e alimento de todo o amor do estudo no homem. “E” pelos sentidos que o menino tem a

primeira noção dos phenomenos exteriores; é por elles, pois, que se ha de encetar a educação racional: o seu methodico emprego constitue o primeiro modo de exploração scientifica: a observação”. O primeiro passo, portanto, no cultivo do entendimento, é o cultivo dos sentidos, que constitue propriamente *a lição de cousas*.

A leitura e a escripta formam o primeiro estadio do ensino, nos programmas em voga. Ora, o homem escreveu, está claro, antes de ler. A leitura presuppõe necessariamente a escripta. Ha, porém, uma aquisição, que, na ordem do desenvolvimento humano, precedeu a leitura: é a imitação plastica e graphica das formas. Já na idade da pedra o homem debuxava formas animaes, representava pinturescamente scenas de caça. Tudo, porém, demonstra que elle ainda não adquirira a arte de fixar, e transmittir os pensamentos pela escripta. A mesma escriptura primitiva, puramente ideographica, representando idéas abstractas por meio de imagens sensiveis, presuppunha a arte de figurar as formas visiveis das cousas. Do ideographismo puro passou a humanidade, por uma escala de transições immensas, á escripta phonetica, á escripta syllabica, até chegar, enfim á escripta alphabetica, ultima expressão de um longo progresso. Na progressão natural, portanto, o desenho ha de preceder a escripta. Dominada pelo genio da curiosidade, a creança não o é menos pelo genio da imitação. Todos os meninos desenhavam por um natural pendor dos mais energicos instinctos dessa idade. Modelar formas, e debuxar imagens: eis a primeira e a mais geral expressão da capacidade creadora nas gerações nascentes. Cabe, pois, ao desenho, no programma escolar, precedencia á escripta, cujo ensino facilita e prepara. Racionalmente, naturalmente, á leitura antecede á escripta, e á escripta o desenho e a modelação. Estes quadram aos mais verdes annos da infancia; ao passo que é verdadeira barbaria o ensinar a ler e escrever antes de certa idade. “Releva que os meninos conheçam a existencia, a morphologia das cousas e oralmente o seu nome, antes de estudarem a figura dos termos e signaes que fixam a noção dellas”.

A idéa do numero é outro, dentre os primeiros elementos da educação positiva. “Aprofundando a observação, descobre-se que o calculo, um calculo rudimentar, é anterior a todo o progresso”. Essa noção, que, mais ou menos acanhada, se encontra no seio das raças mais selvagens, e parece existir até entre animaes, “é a primeira aquisição scientifica da humanidade”. O calculo vem a ser, portanto, um dos elementos fundamentaes da organização do programma escolar; não, porém, — e esta differença representa um abysmo — não o calculo abstracto, como hoje se pratica nas classes mais elementares, — mas o calculo ensinado exclusivamente por meio de combinações e applicações *concretas*.

Se acrescentarmos o ensino, sempre con-

cretisado, do idioma vernaculo, á cultura do sentimento moral e a sciencia elementar, estará completa a missão da escola, tal qual a natureza a revela.

A justificação da reforma, contra os preconceitos que pullulam entre nós, exige que nos demoremos em cada um desses topicos.

»O«

No proximo numero publicaremos o capitulo referente á

Educação Physica

A SEGUIR :

Musica e canto
Desenho
Lições de Cousas — Methodo intuitivo
Lingua Materna — Grammatica
Rudimentos de sciencias physicas e naturaes
Mathematicas elementares — Tachymetria
Geographia e Cosmographia
Historia
Rudimentos de economia politica
Cultura moral — Cultura civica
Aspecto geral do programma — Sua exequibilidade.

ORGANIZAÇÃO PEDAGOGICA

Emprego do tempo
Duração das lições
Número de alumnos por classe
Coeducação dos sexos
Mestres e mestras
Caixas economicas escolares
Extensão dos estudos escolares — A Escola Primaria Superior.

EXPEDIENTE

“A Escola Primaria” circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da “Escola Primaria”
Rua Sete de Setembro, 174 — 1º andar.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Afim de attender aos nossos assignantes, que desejam possuir os numeros d’“A Escola Primaria” dos annos anteriores, resolvemos conceder-lhes, provisoriamente, grande redução nos preços de colleções annuaes, vendendo-as pelos seguintes preços:

Em avulsos.....	9\$000
Cartonada.....	10\$000
Encadernada.....	12\$000

Os pedidos, pelo correio, devem vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 1\$000, por colleção, para o registro postal.

União Manufactora de Roupas

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500.000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45
RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes = RUA ARISTIDES LOBO, 94 e 96
Escritorio RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412

II. - A ESCOLA

EXERCICIOS DE REDACÇÃO

«Aprender a lingua, diz BRUNOT, é tornar-se capaz de ler e entender o que se lê, sem nada perder do pensamento.» Saber ler e redigir: eis o principal; o resto — grammatica, systemas graphics, são apenas meios e nada mais. E' absurdo que, na contemplação do andaime, se perca de vista o edificio.

Já em 1873, em obra corôada pela Academia Francesa, dizia Girard: «Nossas grammaticas são o flagello da lingua, embora julguem no-la ensinar.» Em absoluto, não podemos della prescindir; cumpre todavia dar-lhes a importancia relativa que lhes compete e desenvolver sobremaneira os exercicios de redacção de que tanto precisam os alumnos de qualquer categoria.

Verifico por toda parte que a maioria dos que se apresentam em exame, em concurso, até em cursos superiores, escrevem mal, não só por ignorancia da materia, mas ainda e principalmente por falta de reflexão e carencia de disciplina mental.

A palavra de Buffon é sempre verdadeira: o estilo é o homem. Ha diversidade de estilos como ha diversidade de physionomias. Aquelle que erra dá idéa de sua physionomia intellectual: escreve mal porque não pensa bem.

O exercicio de redacção exige do mestre certas noções de psychologia, que infelizmente nem sempre são observadas nem sequer sabidas. O papel do professor consiste em manter o alumno dentro nos limites da correção, deixando-lhe porem iniciativa e espontaneidade. Não é de bom methodo obrigar os alumnos á uniformidade de estilo, sujeitando-os todos ao mesmo typo, querendo impor-lhes a redacção (ás vezes detestavel) do proprio mestre. Cumpre respeitar a originalidade de cada um; e as differenças se manifestarão consoante a idade, o temperamento, o meio domestico, etc. etc. Em trabalhos de meninos é obvio que se impõem muitas correções; querer porém desconhecer o que nelles ha de aproveitavel é dar prova de incapacidade pedagogica. Nem tudo são erros. Nem tudo merece censura. Ha por vezes verdadeiras revelações. Devemos recolher com infinitos cuidados essas pedras preciosas, polil-as carinhosamente, fazê-las scintillar aos olhos animados do alumno feliz.

No trabalho de redacção é necessario, antes do mais, attender á capacidade do alumno quando se escolher o assumpto. E' absurdo exigir de uma creança o desenvolvimento de themas abstractos. Os assumptos devem ser proximos, no tempo e no espaço, e pessoas, quanto possivel, de modo que interessem o alumno. Não impede isto que sejam, si bem es-

colhidos, *sociaes e moraes*; mas sem o enfade das velhas chapas e das generalidades ôcas e frias. Para que o alumno descreva bem, deve primeiro saber observar bem: a observação é a fonte insubstituivel da vida e da verdade de qualquer trabalho de redacção. O exercicio deve ser obra do alumno guiado sem duvida pelo mestre, mas obra pessoal e não passiva repetição de phrases decoradas.

A correção do trabalho, feita pelo professor, deve attender á naturalidade, precisão e bom gosto revelados em grau maior ou menor. E' indispensavel combater o pedantismo, a impropriedade de vocabulos empregados só por serem raros, ou, o que é opposto, mas igualmente detestavel, a giria, infelizmente hoje tão commum, até entre pessoas de fina educação. Acostume-se desde cedo o alumno a distinguir entre erro e erro: não vá elle em breve tornar-se mais um maniaco do purismo, a querer tudo provar com exemplos classicos, jansenista da grammatica, a tentar escrever num estilo ridiculo, misto de seculo XVI e phase contemporanea. A sobriedade no ornato, o criterio no emprego de archaismos e no acceitar ou rejeitar neologias e estrangeirismos são coisas difficillimas de ensinar, porque mesmo entre os mestres haveria muita coisa que censurar: extrema intolerancia ainda mais do que excessiva condescendencia.

O exercicio de synonymia, bem orientado, opulenta o vocabulario e obriga a selecção do termo adequado, consoante o matiz de significação.

Os dialogos deparam difficuldades especiaes, que nem sempre o proprio mestre sabe resolver, si pessoalmente não se tiver adestrado no genero. Em geral oscillam entre os extremos: falta de naturalidade, por excesso de emphase, symetria arbitraria das phrases; ou trivialidade insupportavel, por falta de bom gosto ao fazer a selecção dos elementos fornecidos pela observação directa.

Aos alumnos mais adiantados é de grande utilidade o desenvolvimento de themas *concretos* que obriguem á reflexão, ensinando a pensar e aprofundar certas idéas superiores: o altruismo, o espirito de sacrificio, a solidariedade humana, o culto da familia, da patria e da divindade.

Considerada deste modo, será a redacção verdadeiro cultivo do espirito e do coração do alumno, contribuindo efficaçmente para a formação de personalidade moral.

Relação, por ordem alfabética, dos verbos portuguezes acabados em "ear"

(ind. pres.: «eio», «eias», «eia», «eiam»)(*)

<p>A</p> <p>ablaquear (desen- laçar)</p> <p>abrassar</p> <p>acannavear (ferir com paus de canna)</p> <p>acarear</p> <p>acarrear</p> <p>acasear</p> <p>aculear</p> <p>afelear (a + fet + ear)</p> <p>aformosear</p> <p>agolpear</p> <p>aguerrear</p> <p>alardear</p> <p>alcear (coordenar as folhas de um livro)</p> <p>aldear</p> <p>alhear</p> <p>altear</p> <p>ambrear (de ambar)</p> <p>amear</p> <p>amercêar (-se)</p> <p>amortear</p> <p>apagear (de pagem)</p> <p>apalear (de pau)</p> <p>apartear (aparte + ear)</p> <p>apear</p> <p>aperrear (a + perro + ear)</p> <p>aplebear</p> <p>apolear (a + polé + ear)</p> <p>arear</p> <p>arrear (enfeitar)</p> <p>arrear (abaixar: a + ré + ear)</p> <p>argentear</p> <p>arquear</p> <p>arrotear</p>	<p>assear</p> <p>assorear</p> <p>atear</p> <p>atorrear</p> <p>aturrear (fazer ba- rullo)</p> <p>B</p> <p>balancear (balança + ear)</p> <p>baldear</p> <p>balear</p> <p>bambalear</p> <p>bambear</p> <p>banquetear</p> <p>bambolear</p> <p>bandear</p> <p>banzear (de banza?)</p> <p>baquear</p> <p>baratear</p> <p>barbear (ant.-barbar = embarbecer)</p> <p>barlaquear (-se)</p> <p>barlaventear</p> <p>barquear</p> <p>barrear (ou - ar : barro + ear)</p> <p>barrotear</p> <p>basear</p> <p>bastear (do subst. basta)</p> <p>bigodear</p> <p>batear</p> <p>bizarrear</p> <p>bloquear</p> <p>bolear (arrendon- dar : bola + ear)</p> <p>bolear (guiar : bo- lêa + ear)</p> <p>bombardear</p> <p>bombear</p>	<p>boquear (abrir mui- tas vezes a bocca)</p> <p>borboletear</p> <p>bordear (borda + ear)</p> <p>borear</p> <p>bornear (de borne ? fr. termo de arti- lharia)</p> <p>bracear (braço + ear)</p> <p>branquear</p> <p>braquear (termo de equitação)</p> <p>bruxear</p> <p>bruxulear</p> <p>bravatear</p> <p>bronzear</p> <p>bufonear</p> <p>burlequear</p> <p>burlesquear</p> <p>C</p> <p>cabear (cabo + ear)</p> <p>cabecear</p> <p>cabortear (bras. proceder mal)</p> <p>cabrestear</p> <p>caçapear (andar do coelho)</p> <p>cacear (caça + ear)</p> <p>cacetear</p> <p>calacear, ou - ar (vadiar)</p> <p>calear (cal + ear)</p> <p>cambalear</p> <p>cambetear</p> <p>camear (cama + ear)</p> <p>campear campo (+ ear)</p> <p>canhonhear</p>	<p>capear</p> <p>caquear (matutar)</p> <p>cardear (cardo + ear)</p> <p>caretear</p> <p>carpear</p> <p>carrear</p> <p>cartear</p> <p>casear</p> <p>cavallear</p> <p>cavaquear</p> <p>cear</p> <p>cecear</p> <p>cercear</p> <p>chacotear</p> <p>chalacear (ou - ar)</p> <p>charlatanear</p> <p>charquear</p> <p>charutear</p> <p>chibantear</p> <p>chicotear (ou - ar)</p> <p>chalrear (ou - ar)</p> <p>chilrear</p> <p>chanquear</p> <p>chapear</p> <p>chocarrear</p> <p>chuchurrear</p> <p>churrasquear</p> <p>clarear</p> <p>cobrear</p> <p>collear (collo + ear)</p> <p>conchear</p> <p>cordear (corda + ear)</p> <p>corsear (corso + ear)</p> <p>cortear</p> <p>coucear</p> <p>courear</p> <p>coxear</p> <p>crear (tirar do nada)</p> <p>curvetear (curve- ta + ear)</p> <p>custear</p>
---	--	--	--

(*) Vide, nº de Março, o artigo *Torpedar* ou *Torpedear* ?

<p>D</p> <p>debloquear</p> <p>deletrrear</p> <p>delinear</p> <p>demear (de + meio + ear)</p> <p>derrear</p> <p>desapear</p> <p>desassorear</p> <p>descodear</p> <p>desenfrear</p> <p>desfeir</p> <p>desfeitear</p> <p>desfrechar</p> <p>desmourar</p> <p>desmastrear (ou - ar)</p> <p>desnortear</p> <p>despear (des + peia + ear)</p> <p>despear (des + pé + ear)</p> <p>devanear</p> <p>discretear</p> <p>donear (do ital. donneare : reques- tar)</p> <p>dosear ou - ar (do- se + ear)</p> <p>E</p> <p>embrancar</p> <p>embravear</p> <p>em brear</p> <p>em mastear (o mes- mo que mastrear)</p> <p>emparear</p> <p>empear</p> <p>encadear</p> <p>encandear</p> <p>enclarear</p> <p>encodear</p> <p>encorrear</p> <p>encumear</p> <p>enfrear</p> <p>engalhardear</p> <p>enlamear</p> <p>enleat</p> <p>enredear</p> <p>ensopear</p> <p>ensorear</p> <p>entear (en + teia + ear)</p> <p>entremear</p> <p>enuclear</p> <p>enverear (exercer funções de ve- reador : verêa + ar)</p> <p>enxamear</p> <p>esbambearear (ou - ar)</p> <p>esbofetear</p> <p>esbrasear</p> <p>esbravear</p> <p>escabecear</p>	<p>escabrear (de ca- bra)</p> <p>escaldear</p> <p>escamonear-se (re- sentir-se)</p> <p>escamotear</p> <p>escancear, ou - ar (de escanção)</p> <p>escaquear (de esca- ques)</p> <p>escardear (de car- do)</p> <p>escarear</p> <p>escarmear (o mes- mo que carmearear)</p> <p>escarppear (o mes- mo que carme- ar)</p> <p>escasquear (de cas- co)</p> <p>escassear</p> <p>escodear (de cô- dea)</p> <p>escopetear</p> <p>escoucear</p> <p>escramear</p> <p>esfaquear</p> <p>esfogueatear</p> <p>esfomear</p> <p>esfumear</p> <p>esgazear (de gázeo)</p> <p>esmeraldear</p> <p>espacpear (ou - ar, e iar)</p> <p>espaldear (espalda + ear)</p> <p>espernear</p> <p>espingardear (ou - ar)</p> <p>espinotear</p> <p>espoletear (ou - ar)</p> <p>estaquear</p> <p>estontear</p> <p>estear</p> <p>estrear</p> <p>estoquear</p> <p>estropear</p> <p>esverdear</p> <p>F</p> <p>facear</p> <p>facetear</p> <p>faixear (ou - ar)</p> <p>falquear (de falx, desbastar a ma- deira)</p> <p>falsear (ou - ar)</p> <p>fanfarrear</p> <p>farfantear</p> <p>farpear (e - ar)</p> <p>farronpear</p> <p>farsantear</p> <p>fatagear (de fata- gem, fato)</p> <p>favonear) favonio + ar)</p> <p>ferretear</p> <p>ferropear (pôr a ferros)</p>	<p>fetacear</p> <p>flanquear</p> <p>flautear (ou - ar)</p> <p>florear (ou - ar)</p> <p>floretear</p> <p>foguear</p> <p>fogueatear</p> <p>follear</p> <p>folhear</p> <p>folhetear</p> <p>formosear</p> <p>fornear (forno + ear)</p> <p>forquear</p> <p>fortunear</p> <p>fragatear</p> <p>fraguear</p> <p>francear</p> <p>frangalhotear</p> <p>frangear</p> <p>franquear</p> <p>fraquear</p> <p>frondear</p> <p>frontear (ou - ar)</p> <p>fumear (fumo + ear)</p> <p>fundear</p> <p>G</p> <p>gaguear</p> <p>gaivotear</p> <p>galanear</p> <p>galantear</p> <p>galear (gala + ear)</p> <p>galear (galé + ear)</p> <p>galhardear</p> <p>galopear</p> <p>gandear</p> <p>garavotear</p> <p>gargantear</p> <p>garnear (brunir o couro)</p> <p>garotear</p> <p>garrotear</p> <p>gasnear ou - ar (grasnar)</p> <p>gaspear</p> <p>gatear</p> <p>gavear</p> <p>gazear (de gázeo)</p> <p>golpear</p> <p>gorgear</p> <p>gottear (ou - ejar)</p> <p>gradear</p> <p>grangear (granja + ear)</p> <p>gratear (de grateia)</p> <p>guasquear (br. de guasca)</p> <p>guerrear</p> <p>H</p> <p>hastear</p> <p>hombrear</p> <p>homenagear</p> <p>I</p> <p>idear</p>	<p>J</p> <p>janotear</p> <p>jaspear</p> <p>joguetear</p> <p>jornadear</p> <p>L</p> <p>lacrear (ou - ar)</p> <p>ladear</p> <p>lagear</p> <p>lancear</p> <p>laquear</p> <p>lardear (lardo + ear)</p> <p>larguear (largo + ear)</p> <p>larear (pop. vadiar: laré + ear)</p> <p>leatear (lata + ear)</p> <p>laurear</p> <p>lettrear</p> <p>licenciar</p> <p>lisongear</p> <p>louquear</p> <p>M</p> <p>macaquear (ou - ar)</p> <p>machear (t. de cos- tur. macho + ear)</p> <p>madracear</p> <p>maganear</p> <p>mallear</p> <p>manear (o mesmo que manejar)</p> <p>manguear (br. do rad. de manguei- ra + ear)</p> <p>manotear (br. ba- ter com a mão; diz-se do cavallo)</p> <p>mantear (manta + ear)</p> <p>marear</p> <p>margear</p> <p>mariposear</p> <p>marmorear</p> <p>marotear</p> <p>mascotear</p> <p>mastrear</p> <p>matraquear (ou - ar)</p> <p>mear (meio - ear)</p> <p>menear</p> <p>metamophosear</p> <p>mimosear</p> <p>molequear</p> <p>montear (monte + ear)</p> <p>moquear (br., de moquem)</p> <p>mosquear</p> <p>mosquetear</p> <p>murear (de mure, rato)</p> <p>musiquear (ou - iar de musiquia)</p>
---	--	--	---

N

negacear
nomear
nordestear
noroestear
nortear

O

olear
ondear
ornear (o mesmo que ornejar)
ozear

P

pactear (ou pactuar pacto+ear)
pagear (pagem+ear)
pagodear
palavrear
paletear (palêta+ear)
palhetear
palmear (palma+ear — bater palmas)
palmetear (palmêta+ear)
palrear e— ar (palra+ear)
planear (o mesmo que planejar)
planquear
plantear (fazer a planta)
papaguear
paparrotear (alardear)
papear (corrup. de pipiar)
paracletear (de paracleto)
parear (par+ear)
paraphrasear
parchear (de parche, ou de parcha)
parentear
parlamentear
parlapatear
parolear (ou-ar)
pasmacear (de pasmaceira)
passar
pastorear (ou-ar)
pataratear (ou-ar)
patear (pata+ear)
patentear
patetear (ou-ar)
patornear (parolar)
patronear
patulear (de patuléa, plebe)
pautear (ou-ar)
pavonear

pazear(ter. de jogo: paz+ear)
pear
pecorear
pelotear
pensamentear
pentear
pequear
pernear
pespontear (ou-ar)
petardear (ou-ar)
petear
phosphorear
phrasear
pilotear (e—ar)
pinotear
piratear
pitadear
pranchear
plantear (fazer a planta)
pleitear
plumbear
polear
poltronear
pombear
pompear
pontapear
pontear
portear
pracear
prantear
pratear
prear
preguear (prêga+ear)
preitear (ou-ar)
presentear
propagandear
psalmear
pulsear
purpurear

Q

quartear

R

rabanear
rabear
rachear
ralear
rampear
rarear
rastear
rastrear
ratear
rebenquear
reboquear
rechar
recensear
recrear
redondear (ou—ar)
refalsear
refrear
regatear
relampaguear
relancear
relouquear
remansear

remear
remercear
remoquear (ou — ar)
remolear
renguear
rentear
resmonear
repotrear
resaltear
revoltar
revoltear
ricochetear
rodear
rojonear
roldear
romancear
roncear
rondear (ou—ar)
ronquear
rosmeiar
rotear
roxear

S

sabbadear
saborear
saltear
sanear
sapatear
sapear
saquear
sarabandear
saracotear (saracote+ear)
sarandear
sargentear
satrapear
semear
senhorear
serpear
serpentear
serrear
sesteiar
settear
sobresaltear (e—ar)
sochantear (de chantre)
soffrear
solettrear (ou—ar)
sombrear
sopear
sopetear
soquetear
sortear
sotaquear
sotaventear
sulaventear
surratear (do lat. surreptus)

T

tabaquear
taboquear
tacanhear
tactear
tagantear (açoitar)

tamanquear
tapear
tarear
taramelear
tartamelear
tartamudear
tartarear
tautear
tempesteiar
tentear (tento+ear)
tentear (tenta+ear)
terrear
titubear
titeretear
tocear
tontear
tornear
torrear
tourear
toutear
tradear (trado+ear)
trampear
trapacear
trapear
trasguear
trasteiar
tratear (de trato tormento+ear)
trombetear
trautear
tremelear
tropear
troclear
tutear
tutorear

U

.....

V

vadear
vagabundear (ou-ar)
vagamundear
vaguear
varear
vasconcear
velear (vela+ear)
ventanear
veranear
verdear
vergontear
vesguear
videar—ou-ar (vide+ear)
voltear
volutear
vozear

X

Xaquear (dar cheque)

Z

zangarrear
zigueaguear
zingarear
zinguerrear
zombetear

CONTAS GRANDES

Ha muito que ouço condemnar, em meios pedagogicos, as *contas grandes*. Pela expressão *contas grandes* entendemos as questões que constam apenas de operações a effectuar, operações em que os diversos elementos — parcelas ou termos — são numeros consideraveis, por exemplo de mais de tres algarismos quando se trate de parcelas, de dez, doze, etc. quando se trate de termos na multiplicação e na divisão. Grandes são tambem as addições de muitas parcelas, embora cada uma conste de poucos algarismos.

Assistirá razão aos que assim pensando proscvem da escola todas as *contas grandes*? Quer-me parecer que ha nisto, como em numerosas outras questões, um exagero, uma falsa opinião baseada em generalização muito apresada.

Quem tem alguma pratica de commercio sabe perfeitamente que a maioria dos erros commettidos nos escriptorios são erros de somma. A' primeira vista é inacreditavel, mas é verdade: a addição é a operação mais difficil, si tomarmos para indice da difficuldade a occurrencia dos erros.

E' que se trata no commercio, em geral, de addições de parcelas numerosas, e ahi é necessario muito treino, ou muita paciencia para não se errar. Bem o sabem os meus distinctos collegas professores como é penoso effectuar sem erro as numerosas addições dos boletins de frequencia e dos mappas estatisticos...

Ora nada mais natural do que treinar o alumno da escola primaria em addições longas, si na vida elle tem de encontral-as quasi diariamente, se não a todas as horas, quando se empregue em escriptorio commercial.

Para acertar nas addições longas ha recursos bem satisfactorios, conhecidos peios que no commercio se dão ao trabalho de aperfeicoar os conhecimentos, e alguns de taes recursos é que me lembrei de suggerir aos prezados collegas professores, certo de que lhes presto serviço.

O primeiro processo é o de dividir em grupos as parcelas, e fazer sommas parciaes, que depois são adicionadas. E' o que usam, em geral, os empregados no commercio e os funcionarios publicos que têm de lançar em costaneiras columnas e columnas de parcelas.

Dão previamente alguns traços horizontaes, de modo a separar na pagina varias secções. Som-

mam cada secção, e *puxam* as sommas para a direita; effectuam depois a addição dos totaes parciaes. O aspecto da pagina do livro é então o seguinte:

215 630	
419 790	
615 400	
706 950	
1 415 860	
49 520	
76 810	
174 900	3 674 860
<hr/>	
706 100	
800 000	
963 850	
1 209 200	
724 420	
401 900	
2 400 000	
80 410	7 285 880
<hr/>	
2 402 200	
799 000	
804 000	
763 000	
215 200	
3 463 320	
800 000	
960 100	10 206 820
<hr/>	
	21 167 560

O numero de parcelas ou de linhas da costaneira para cada secção fica naturalmente *ad libitum* do encarregado do serviço. Elle o estabelecerá segundo a propria capacidade, observada na pratica.

Para se fazer por este processo a addição (dividir para enfraquecer... a difficuldade), é necessario primordialmente que se possa traçar horizontalmente o livro e que haja espaço e permissão para se *puxarem* as diversas sommas parciaes.

Logo se percebe que nem sempre é possivel applicar o processo.

**

Póde-se usar então do mesmo processo dos grupos de parcelas, ligeiramente modificado, conforme passo a explicar.

Toma-se um pedaço de papel e em uma das bordas recorta-se um rectangulo; o entalhe assim formado vae sendo collocado ao longo da columna de parcelas, de sorte que só algumas d'estas, ficam visiveis de cada vez. D'estas, effectuam-se a addição. A somma dos diversos totaes, que vão sendo annotados no proprio papel que tem o entalhe, dará a somma final. O tamanho do entalhe depende, quanto á largura, do numero de algarismos das parcelas, sendo preferivel fazel-o bem largo. O comprimento, ou melhor, a altura do entalhe deve ser sufficiente para abranger umas oito a dez parcelas.

**

Outro meio de não errar consiste em tirar a prova da somma de cada columna. Somamos as unidades, tiramos a prova, passamos ás dezenas, etc. Mas que prova? Para a addição, a prova mais simples e mais segura con-

OS DACTYLOGRAPHOS

PREPARADOS PELA ESCCLA REMINGTON, SITA A' RUA 7 DE SETEMBRO, 67, ENCONTRAM SEMPRE FACIL COLLOCAÇÃO. MATRICULEM-SE.

siste em fazel-a de novo, de baixo para cima. E' facto que quando se tem uma addição longa a effectuar, occorrem por vezes certos erros que se vão repetindo tantas vezes quantas fizemos no mesmo sentido a somma dos numeros. Ha um momento em que por exemplo, em determinado ponto, dizemos $15 + 8 = 22$; pois este erro se repetirá indefinidamente si tornarmos a addiccionar. Fazemos a operação de baixo para cima e estará passado o escolho.

Abro aqui um parenthesis. Estas coisas parecem ridiculas, mas são observações verdadeiras. Quem tenha pratica de escriptorio sabe as centenas de vezes que lhe apparecem esses casos.

**

Na maior parte das vezes os erros se dão por causa das reservas (dos *evão...* como dizem os ignorantes). Por isto, ha alguns processos especialmente destinados a evitar os enganões nas reservas.

O primeiro processo pratico para alliviar a memoria supprimindo o perigo das reservas consiste em effectuar a addição das unidades e escrever o total; effectuar a das dezenas e escrever o total abaixo do das unidades, de modo que as unidades do segundo total correspondam ás dezenas do primeiro, e assim por diante. Effectua-se depois a somma dos totaes parciais. Dou o exemplo com pequeno numero de parcelas para poupar o espaço, que é exiguo em uma revista como esta.

Para maior segurança convirá que em cada columna se faça duas vezes a addição: de cima para baixo, e de baixo para cima.

459476	459476
953215	953215
870000	870000
75610	75610
900020	900020
8904	8904
293	293
10922	10922
7	7
848	848
-----	-----
35	35
26	26
40	40
25	25
25	25
30	30
-----	-----
3279295	3279295

No segundo processo, que não é senão variante d'este, procedemos assim: Effectuamos a somma das unidades e escrevemos 35. Depois effectuamos a das dezenas, mas ao achar, com a ultima parcella, o total 26, addiccionamos-lhe as 3 dezenas da columna anteriormente sommada e escrevemos 29. Passamos a addicionar as centenas: $4 + 2 + 6 + 9 + 2 + 9 + 8 = 40$; 40 com mais 2 são 42. E assim por diante.

O total verdadeiro obtem-se lendo o ultimo total 32, acompanhado dos algarismos das unidades dos diversos totaes, indo de baixo para cima.

E' claro que tambem neste processo devemos, em todas as columnas, fazer logo a contraprova pela mudança de sentido da addição. No terceiro processo escrevemos ao alto de cada columna o numero de unidades de reserva, isto é, que vão, que passam para a columna immediata. Effectuamos a addição de cada columna e vamos accrescentando as reservas. Estas reservas devem ser escriptas a lapis, com traço leve, de sorte que possam depois ser apa-

gadas. O aspecto da conta é o que se vê a seguir. E' preciso ter muita attenção quando as reservas não forem representadas por numeros digitos. Assim, si em vez de obtermos na columna das unidades o total 35, em que as reservas são 3 unidades de ordem immediatamente superior, tivéssemos obtido por exemplo 234, as reservas a escrever *ao alto da columna* seriam 23, pouco importando que ficasse um numero de dois algarismos. D'ahi poderia, porem, advir confusão, contra a qual só um remedio: muita attenção.

3279295

**

Outro processo muito pratico e seguro é o do *ponto*. Consiste em ir sommando as unidades de cada columna até alcançar ou exceder a 10 unidades. Então pinga-se um ponto e recomeça-se a somma com numero de unidades. Assim, só effectuamos addição de digitos, o que dá segurança ao calculo.

Fazemos pois: seis e cinco onze (pingamos um ponto); um e quatro cinco, e tres oito, e dois dez (pingamos outro ponto); sete e oito quinze (pingamos um ponto e escrevemos o algarismo 5). — Ha tres pontos; portanto: tres e sete dez, ponto; um e um dois, e dois quatro, e nove treze, ponto; tres e dois cinco e quatro nove. — Ha dois pontos; portanto: dois e quatro seis, e dois oito, e seis quatorze; ponto; quatro e nove treze

ponto; tres e dois cinco, e nove quatorze, ponto, quatro e oito doze, ponto, escrevemos 2. — Ha, quatro pontos; portanto: quatro e nove treze, ponto; tres e tres seis, e cinco onze, ponto; um e oito nove. Ha dois pontos; portanto: dois e cinco sete, e cinco doze, ponto; dois e sete nove, e sete dezeseis, ponto; seis e um sete. — Ha dois pontos; portanto: dois e quatro seis, e nove quinze, ponto; cinco e oito treze, ponto; tres e nove doze, ponto, escrevemos 2. — Ha tres pontos, escrevemos á esquerda 3, está terminada a addição.

**

Convém tambem treinar os alumnos em *addições horizontaes*, isto é, em sommar parcelas escriptas em linha e não em columnas. Ha toda vantagem nisso. Outro exercicio util é o de *quadros*: effectuar sommas em horizontaes e em verticaes; a somma da ultima vertical (totaes das horizontaes) deve ser igual á somma da ultima vertical (totaes das verticaes).

**

São exercicios praticos, necessarios, de applicação corrente. E' preciso fazel-os bem e fazel-os rapidamente. Convirá estabelecer tempo fixo para as operações, e esse tempo deve ser em geral bem curto. Uma das condições essenciaes do calculista é que seja exacto, outra é que seja expedito.

OTHELLO REIS.

III - LIÇÕES E EXERCICIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

PALESTRA SOBRE A ESCOLA; SUAS AUTORIDADES

2º ANNO

Proçure o professor mostrar que a escola é um logar aprazivel, e não um degredo, um sitio aonde se mandem as crianças «quando procedem mal».

E' infelizmente certo que até hoje se encontram familias em que a—escola —é uma das ameaças com que se acenam ás criancinhas. Fructo da ignorancia ou de habitos erroneos inveterados, esse modo de apresentar a escola não pode deixar de produzir alguns terriveis efeitos na alma infantil. Urge destruir essa invencionice sandia e perigosa, mostrando o professor que não ha como temer a escola, só merecedora da amizade, da sympathia, da ternura, do interes-

Ajudar como? Pelo trabalho e pelo bom procedimento, que é com que se fará a reputação de cada classe e de cada escola.

O alumno estudioso, assiduo e bem comportado é obreiro da gloria de sua escola e concorre activamente para a união da familia nacional. Seus collegas, elle aprende a consideral-os bem como irmãos. Nas aulas, habitua-se cada um a ser tolerante, a apaziguar dissensões, a viver harmonicamente na collectividade. E' assim por meio da escola que o menino penetra na grande communhão da Patria. Por isso, têm os governos tanto interesse em disseminar escolas, em dar ás populações mestres em abundancia, e competentes; em provêr do material ne-

Para obter o numero de homens intelligentes necessarios á prosperidade de uma nação, ha muito mais a esperar de um plano de educação da mocidade, do que de um plano de reforma. Em certas situações, um só homem instruido tem muitas vezes a faculdade de prestar ao paiz immenso serviço.

BENJAMIN FRANKLIN

se dos pequeninos entes que a ella são enviados.

A escola é a casa dos proprios discipulos, onde elles são e serão sempre bem acolhidos e alegremente festejados. Como é a casa dos alumnos, a estes cabe zelar por ella, e eis porque os filhos de uma escola não devem sujar-lhe com rabiscos ou arranhões as paredes e o material, nem concorrer para que o chão fique immundo.

Ensine o professor quem mantem a escola, fornecendo o predio e o material e estipendiando os mestres para que distribuam a luz dos conhecimentos.

Mas a escola não é apenas isto: o edificio, o material, os professores. Ha uma coisa immaterial, que é a alma, o prestigio, a gloria de cada escola.

Para manter sempre esse bom nome, essa gloria, que reverte sobre os proprios discipulos, devem esets ajudar.

cessario essas salas onde affluem as creanças a ensaiar a pratica da democracia.

Na escola habituam-se ellas á disciplina, isto é, á obediencia sensata aos superiores e aos principios estabelecidos em beneficio da communhão.

A quem estão sujeitos os alumnos? Aos professores, que são incumbidos de sua instrucção e educação. Para que haja uniformidade nos processos, unidade na escola, estão os professores subordinados dentro da escola a uma direcção, e ha então—um director ou uma directora, e professores adjunctos.

Mas não ha apenas uma escola; ha muitas. Para manter uniformidade entre os trabalhos de todas as escolas do mesmo gráo, para fiscalizar o modo pelo qual os professores cumprem seus deveres e guial-os quando necessario, ha autoridades superiores aos professores:

são os inspectores escolares. Trate ahi o professor de dissipar esse temor infundado que se acha principalmente nos alumnos menores, em relação ao inspector. Mostre-o o professor como pessoa interessadissima na escola, e que quer bem aos alumnos, e deseja que elles brilhem. Ensine-lhes a confiança na autoridade.

Superintendendo ao ensino, o director de Instrucção, que dá a orientação geral, distribue o pessoal, providencia para que haja bons predios para as escolas, e material abundante, etc. etc.

Mostre ainda o papel dos medicos escolares, prepostos aos cuidados hygie-

nicos da escola e do pessoal escolar, e ao estudo dos meios necessarios para defesa da saúde das crianças.

Ensine depois qual o papel dos serventes e das guardians, papel muito diverso, daquelle dos professores. Mas aos proprios serventes e ás guardians estão presos os alumnos por certos deveres de polidez, de cordura. O servente e a guardian não são autoridades, mas em certos momentos, em certas funcções, depositarios da autoridade que lhes é transmittida pelos superiores, em nome dos quaes age.

OTHELLO REIS.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

4º ANNO

Fundação do Rio de Janeiro

1ª Lição

Fazendo lembrar aos alumnos os episodios das grandes descobertas realisadas por Portuguezes e Hespanhoes, fale-lhes o professor nos navegadores que, dominados pelo espirito de aventuras, avidos de glorias e renome, firmados em narrações e lendas antigas de terras habitadas no Oriente e no Occidente, audaciosamente emprehendiam longinquas e perigoas viagens por mares desconhecidos, dellas resultando as grandes descobertos do seculo 15, e logo depois a mais importante para nós, a do Brasil, em 1500.

Descreva o Brasil desse tempo, com a immensidade das mattas povoadas por selvagens, e hoje uma grande nação culta, com innumeradas cidades populosas e ricas, onde se desfructam as vantagens de uma civilização adiantada, obtida no decurso apenas de quatrocentos annos, o que representa menos de um minuto na existencia de uma nação.

Explique que esse rapido progresso é benemerita obra de nossos antepassados, que trabalharam rudemente para desbravar as selvas primitivas, povoar o interior, repellir os invasores, dilatar o territorio brasileiro até os limites actuaes e, sobretudo, defender com seu sangue

e conservar todas essas innumeradas terras conquistadas, hoje nossas.

Depois de referir-se ás difficuldades da fundação das primeiras povoações no Brasil, expostas aos ataques dos selvagens e piratas, afastadas umas das outras e da Metropole, mencionará as que se fundaram sob bons auspicios, em S. Vicente e na Bahia de Todos os Santos. Dirá que são mais antigas que o Rio de Janeiro, as cidades de Santos, S. Paulo e S. Salvador, pois datam dos primeiros tempos da colonização, enquanto a nossa cidade só foi fundada em 1865, por Estacio de Sá.

A seguir contará como da necessidade de expulsar os invasores chefiados por Willegagnon, resultou a fundação do Rio de Janeiro, e dirá, sem pormenores, que os Francezes, chegados em 1555, aqui se mantinham com o intento de tornarem effectiva a posse da bella bahia do Rio de Janeiro, quando, de Portugal, em 1565, foi mandado Estacio de Sá que, junto ao Pão de Assucar, desembarcou e se fortificou para iniciar os ataques contra os invasores, cuja expulsão definitiva só se realisou após luctas renhidas de parte a parte, mas indecisas durante dois annos, terminadas com a victoria completa dos Portuguezes, a 20 de Janeiro de 1567, dia de S. Sebastião.

Relatará, finalmente, que essa lucta encarniçada custou a vida a muitos bravos, entre elles Estacio de Sá, fundador da povoação transferida, pelo governador Mem de Sá, do sopé do Pão de As-

suçar para logar mais seguro — o morro do Castello. Dirá por que essa cidade nascente foi denominada S. Sebastião do Rio de Janeiro, e referir-se-á a Salvador Corrêa de Sá, seu primeiro governador.

2ª lição

Recordando a lição anterior dará o professor a razão que levou os Francezes a pensarem na fundação de uma colonia na America, longe da França.

Referindo-se ás crueis luctas religiosas travadas então e ás perseguições a que fugiam os Calvinistas, aproveitará o ensejo para condemnar a intransigencia e exaltar o espirito liberal de nossas leis garantindo a liberdade de pensamento.

Dirá como foi facil a Villegaignon, com oitenta homens apenas, desembarcar e estabelecer-se na Bahia do Rio de Janeiro, abandonada dos Portuguezes, pouco numerosos no Brasil e concentrados em S. Vicente e na Bahia de Todos os Santos, materialmente impossibilitados da fundação de novos nucleos coloniaes.

Falará a seguir, detalhadamente, na expedição de Villegaignon, apoiado na amizade dos Tamoyos; no reforço de trezentos homens trazidos por Bois de Comte; na protecção dispensada pelo almirante de Coligny a esses compatriotas perseguidos na propria patria; na ameaça aos direitos portuguezes sobre a terra occupada com caracter permanente e na impossibilidade de resistencia por parte do segundo governador geral do Brasil—Duarte da Costa—fraco, indeciso e sem o apoio da Metropole.

Referir-se-á elogiosamente á administração do terceiro governador geral—Mem de Sá—que exerceu o seu cargo com energia e prudencia, reprimindo selvagens anthropophagos, acabando com as contendas suscitadas por interesses inconfessaveis, acudindo o povo em suas desgraças e auxiliando o seu sobrinho Estacio na expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro.

Falará então, com pormenores, nas guerrilhas entre Portuguezes e Francezes, desde 1565 a 1567, referindo-se aos combates travados nas praias e nas ilhas e de onde resultou a derrota dos invasores no forte de Uruçú-Mirim,

no de Coligny, na ilha de Maracaiá ou do Gato e na do Governador.

Dirá, a seguir, as razões que levaram os Portuguezes a fundar as povoações nos morros e longe das praias, para justificar a transferencia da séde da cidade das planicies junto ao Pão de Assucar para o morro de S. Januario, e falará no feriado de 20 de Janeiro, dia escolhido para a commemoração da fundação da nossa cidade.

5º ANNO

Capitanias hereditarias

Dirá o professor que:

—Descoberto o Brasil e deixado em abandono durante mais de vinte annos, o problema da colonização se impoz aos Portuguezes, em 1530, pelo receio de perderem a conquista, ameaçada desde logo em sua integridade pela procura assidua que passou a ter da parte dos piratas estrangeiros, aqui vindos para negociar productos indigenas, principalmente o pão-brasil, abundantissimo na terra.—Grandes obstaculos se oppunham á regular colonização do Brasil: a preferencia pela India, onde os Portuguezes tinham mais certas as probabilidades de lucro offerecido á ganancia e cobiça dominantes nessa epoca em que todos buscavam, com sacrificio da propria vida, conquistar immensas e fabulosas riquezas; a dilatada extensão da costa a colonizar e proteger; os grandes gastos com as expedições organizadas pelo governo, que não podia supportar tão pesados encargos.—Para experiencia, pensou Dom João III adoptar o systema de capitánias, extensos tratos de terras doadas, com grandes concessões, a vassallos de recursos, os *capitães-mores*.

Mencionará o professor as capitánias creadas e falará nas alegrias e esperanças dos donatarios que, desfazendo-se de todos os haveres em Portugal, com as familias e innumerados colonos, se transportaram ás novas possessões, em demasia confiantes na Fortuna que, para muitos, se mostrou terrivelmente má: Francisco Pereira Coutinho foi devorado pelos selvagens e Vasco Fernandes Coutinho, velho, doente, não teve um lençol que lhe servisse de mortalha.

Historiando os tristes acontecimentos originados da lucta entre colonos e

selvagens e que tiveram por epilogo a morte desses dois homens, não se esqueça de referir-se á lenda do Caramurú, encontrado por Francisco Coutinho na Bahia de Todos os Santos, e diga que, em compensação a essas tragedias, tivemos, para consolo, a prosperidade de dois importantes centros: S. Vicente e Pernambuco.

Falará no desenvolvimento da agricultura e do gado em S. Vicente, referindo-se ao auxilio trazido aos Portuguezes pela cooperação dos selvagens fieis a João Ramalho; na colonização levada ao interior com a criação do povoado de Piratininga; na prosperidade de Pernambuco, centro productor da canna de assucar.

Deverá o professor esclarecer os alumnos quanto ás causas do fracasso dessas expedições, limitadas ao littoral.

Terminará dizendo que, dos nossos primeiros colonizadores deveremos nos lembrar agradecidos pelos sacrificios extraordinarios que supportaram para povoar este solo abençoado, mas extremamente hostil aos que procuraram desvendar os mysterios de sua natureza virgem e grandiosa.

Maria Alvarenga

GEOGRAPHIA

2º anno

OS MEIOS DE TRANSPORTE NA CIDADE

O estudo dos meios de transporte faz parte da geographia economica e de nenhum paiz, de nenhum Estado, de nenhuma região do globo teremos dado estudo completo si não apresentarmos as principaes vias de transporte, bem como a indicação do desenvolvimento dos demais meios de comunicação, taes como o correio, o telegrapho e o telephone.

E', porém, evidente que neste periodo do curso primario só têm de ministrar os professores uns conhecimentos vagos, rudimentarissimos, que não são mais do que preparação para os estudos ulteriores.

Os meios de transporte empregados na cidade são: alguns animaes, os carros, as carroças, os bondes, os trens, os barcos, lanchas e barcas, os aeroplanos.

Os animaes que nos auxiliam no

transporte são principalmente o cavallo, o burro e o boi. O cavallo serve para nelle montarmos, ou para puxar carros e carroças. O burro é empregado de preferencia para tracção, isto é, para puxar carroças. O boi é preferido na roça e raramente empregado na cidade. Só nos apparece, em geral, puxando carroças que vêm da roça. O jumento, muito usado em varios paizes, quasi não se emprega no nosso. O mesmo podemos dizer do cão, do carneiro e do cabrito, que só pomos a puxar carrinhos de creança, ao passo que em certos paizes prestam grandes serviços para o transporte em geral. O boi é preferido na roça porque é mais resistente e porque seu andar é firme, embora lento. Não ha como elle para arrastar pelas estradas esburacadas, jamais niveladas, os carros em que se transportam os productos da lavoura. Qual de nossos alumnos não terá visto o carro de bois, guinchando triste pelas longas estradas?

Outros povos usam como meios de transporte o elephante, outros o camello, animaes que não existem em nosso paiz. De elephantes e camellos só conhecemos os que vêm nos circos, amestrados.

Os carros empregados na cidade são de variadissimos typos. Uns são usados para o transporte de pessoas, outros para o de cargas. Uns são puxados por animaes, outros movidos por motores, ou machinas, que se fazem funcionar com o vapor d'agua, ou com a gazolina ou com a energia electrica. Entre os carros puxados por animaes e que servem ao transporte de pessoas, podemos citar a victoria, a berlinda, o coupé, a charrette. Para o transporte de cargas são as carroças de duas rodas, os caminhões, as andorinhas. Não esqueçamos tambem o carrinho de mão, puxado por aquelle animal que reputamos o mais intelligente e o mais nobre: o proprio homem. Movidos por motores e mecanismos são os automoveis. Ha, para pessoas, os automoveis denominados double-phaetons, landaulets, limousines etc., denominações correntes, que, embora francezas, os alumnos deverão conhecer. Para o transporte de cargas ha tambem caminhões automoveis. Para o transporte colectivo de pessoas, temos os omnibus automoveis.

Os bondes, que constituem o meio

de transporte mais usual na cidade, são em geral movidos por electricidade. Cada carro-motor é provido de machina, accionada pela corrente electrica. Essa corrente electrica que acciona os motores é conduzida nos fios aéreos que acompanham as linhas de bondes; do fio aéreo para o bonde é levada pela alavanca. Si se partir a alavanca ou si fôr afastada do fio, o bonde não terá mais energia para accionar o motor. Alem do carro-motor, ha os carros rebocados, geralmente denominados reboques. Os bondes correm sobre trilhos de aço, que repousam sobre dormentes de madeira durissima e resistente.

Um trem é constituido por uma locomotiva e varios carros. Os trens podem ser electricos e de vapor. Nós só possuímos trens electricos os que sobem ao Corcovado. Em todos os outros a locomotiva é accionada pelo vapor d'agua, vapor que é produzido na propria locomotiva, pelo aquecimento de agua em uma caldeira.

Os trens correm tambem sobre trilhos de aço, que repousam em dormentes.

Neste ponto convirá que os alumnos saibam indicar as principaes linhas de bonde do bairro e da cidade, bem como as principaes linhas de trens. Uma estrada por onde correm trens tem o nome de estrada de ferro, ou via ferrea, ou caminho de ferro.

Uma estrada onde rodam carros, carroças, automoveis e outros vehiculos, e onde passam os peões, denomina-se estrada de rodagem.

As embarcações usadas para o transporte de passageiros e de cargas são: o bote, a canoa, a falúa, o saveiro, a lancha, o rebocador, a barca e os grandes navios. As embarcações podem ser movidas a remo, a vento ou a vapor. Para utilizar o vento, é necessario que haja velas, ou pannos, distendidos por meio de cordas, mastros e vergas. A remos só fazemos mover pequenos barcos. A navegação de certa importancia é feita a vela ou a vapor. Ha tambem embarcações movidas, como a maioria dos automoveis, com gazolina ou com petroleo bruto.

Os aeroplanos são ainda pouco usados em nosso paiz. Temos regular numero d'elles, mas não destinados ao transporte de passageiros e cargas, e sim

pertencentes á Marinha e ao Exercito como armas de guerra.

Quanto ás linhas de bondes e de trens, não se esqueça o professor do seguinte:— neste anno elementar o estudo tem de ser essencialmente pratico e empirico. Mais tarde, no estudo minucioso do Districto Federal, haverá oportunidade para desenvolver e systematizar o conhecimento dos meios de comunicação. Bastará que o alumno conheça por alto as principaes linhas, particularmente as do bairro e os caminhos e vehiculos de que se pode utilizar para ir a logares notaveis, taes como o centro da cidade, as praias, a praça da Republica, etc.

OS PROGRESSOS E MELHORAMENTOS REALIZADOS ULTIMAMENTE

Devemos aqui chamar a atenção de nossos alumnos para as modificações recentes e actuaes da cidade. O Rio de Janeiro conta 356 annos de idade, pois foi em 1567 que se começou a edificar. Ha cidades muito mais antigas, mas a nossa não é positivamente nova. Construida sem plano fixo, á medida que iam sendo necessarias casas para abrigar os habitantes, suas ruas eram em geral estreitas e tortuosas. Hoje o nosso gosto apurado, as necessidades hygienicas e de belleza exigem ruas bem traçadas, amplas, arborizadas, arejadas e bordadas de edificios imponentes. Por isso, é necessario que se vá fazendo a reforma da cidade. Todos os habitantes têm o dever de se interessar por essas reformas.

Quantas ruas largas, ventiladas e arborizadas possui hoje a cidade! Entretanto os proprios paes de nossos alumnos de hoje poderão dizer-lhes que não era assim no seu tempo. A Avenida Rio Branco, por exemplo, bordada de palacios, e onde afflue diariamente grande parte da sociedade carioca, é de construcção recente. A vasta zona conhecida pelo nome de esplanada do Senado é o logar onde se achava o morro do Senado, que foi arrazado. As largas avenidas do caes do Porto acham-se em grande parte sobre aterro; quer dizer que onde ellas estão era ha algum tempo o mar. O mesmo para a grande faixa de aterro que se estende hoje pelas antigas

praias da Lapa e de Sta. Luzia, e em parte da qual está a Exposição. A alguns alumnos será mais familiar a lagoa Rodrigo de Freitas, de cujas modificações actuaes são testemunhas. A demolição do morro de Castello pode ser apreciada pelos discipulos ou no local, ou por meio das photographias que publicam as revistas illustradas. Que enorme área plana vae conquistar a cidade com o desmonte da collina historica !

A VIDA EM GERAL E NOS LOGARES E POVOAÇÕES MAIS SIMPLES

E' ainda este um assumpto de introdução aos estudos da geographia economica, materia a que os actuaes programmas visam consagrar muita attenção, o que só lhes pode ser motivo de louvor.

Idéas centraes para que em torno d'ellas se desenvolvam as palestras do professor nas aulas vivas, animadas, que tem de ministrar aos jovens discipulos d'esta classe elementar, está claro que é impossivel estabelecer linhas divisorias rigorosas entre os diversos assumptos. Alguns pontos não de estar, neste programma, incluídos parcialmente em outros. Só em grãos mais elevados do ensino é que se pode conceber que se organizem pontos bem estratificados, bem distinctos uns dos outros.

Assim, a materia d'este ponto não ha negar que já se acha esboçada no ponto—*Os trabalhos escolares, a vida da escola e a vida domestica*, de que nos occupámos em o numero anterior, e onde deixámos bem claro que se trata de iniciar as crianças nas idéas de divisão de trabalho, especialização dos individuos nas diversas profissões e actividades, etc. Hoje o programma nos convida a proseguir com aquelle rumo nas palestras elementares, bem accessiveis aos pequenos discipulos.

Facil será fazer-lhes comprehender a especialização dos homens em certas actividades. Ao alcance da observação immediata têm elles, por exemplo, os povoados de pescadores nas ilhas do Governador e Paquetá, em Guaratiba e em outros logares. E' uma das occupaões habituaes dos que vivem á beira-mar. Como esses nucleos que podemos vê sem difficuldade por occasião de um passeio, ha pelo paiz afora milhares de povoações onde a maioria dos homens se dedicam á pesca. O pescado que recolhem do mar ou dos nossos grandes rios serve não só para o consumo immediato dos proprios pescadores e de suas familias, mas é ainda objecto de commercio. Vende o pescador seu peixe para as cidades, e de lá recebe, pagando-as com o dinheiro que consegue no seu commercio, numerosas mercadorias.

Nem todas as costas são igualmente piscosas, isto é, em todas não é igualmente abundante o peixe. Em certas regiões a pesca não se faz junto ás praias, mas longe, nas vizinhanças de grandes bancos de areia, onde fervilham os cardumes de peixes.

Assim como em certos logares se desenvolve a pesca, em outros é a industria do sal, em outros a da mineração, em outros a da extracção da madeira, ou do latex da seringueira, ou das folhas da herva-mate. Em logares onde a criação do gado é abundante, crescem as industrias derivadas, e numerosas populações d'ellas vivem: preparo de couros e de pelles finas, preparo de conservas de carne, etc.

Eis, segundo nosso fraco entender, o que deseja a administração do ensino que se faça. Os programmas nas classes elementares não apresentam «pontos» e sim «idéas centraes», ás quaes cada professor terá de dar um desenvolvimento todo pessoal.

Othello Reis

—»O«—

LINGUA MATERNA

1º ANNO

O tio Mario quiz recompensar Regina e Helena.

Essas duas meninas tinham ganho boas notas na escola.

Deu a cada uma trinta mil réis e lhes disse que fosssem ao armarinho comprar o que bem quizessem.

As meninas pensaram em comprar muitas cousas bonitas.

Afinal, Regina resolveu comprar um collar de contas e Helena preferiu um capotinho de lã.

No domingo seguinte Regina foi á igreja enfeitada com o collar.

As collegas todas que a encontraram acharam-na muito bonita.

Helena arrependeu-se de não ter comprado um collar igual.

Mas chegou o inverno, o tempo de frio.

Helena vae todos os dias á escola, muito bem agasalhada em seu capotinho.

Regina que tem sentido muito frio, tem-se arrependido da compra que fez.

Quem fez a melhor compra ?

Arguição

Helena e Regina mereceram a recompensa do tio ?

Si Helena tivesse ganho 20\$000 e Regina 50\$, qual das duas teria mais dinheiro ?

Que é que se vende no armarinho ? Que compraria você, Sylvio, si lhe dessem tanto dinheiro ?

E você, Hilda, daria algum dinheiro a mamãe ?

E aos pobres, Maria ?

São asseadas as creanças que levam o dinheiro á bocca ?

Porque é isso perigoso ?

Você, Maria, só tem visto dinheiro feito de papel ?

Onde se colloca o collar ?

Como se chama o enfeite do braço, Alvaro ? E do dedo ?

A lã é quente ou fria ?

Em que tempo usamos roupa de lã, Mauricio ?

Que foi fazer Regina na igreja, Antonia ?

Que teria você comprado, Augusta, o collar ou o capote ?

2º ANNO

I

Exercicio de vocabulario

Explicar o sentido das seguintes palavras :

Viaducto (ponte em feitio de arcada construida acima de um valle.)

Aqueducto (canal para conduzir a agua).

Petroleo (oleo mineral; literalmente significa oleo de pedra).

Equinoxio (epoca do anno em que os dias são eguaes, em duração, ás noites).

Carnivoro (que se alimenta de carne).

Herbivoro (que se alimenta de herva).

Frugivoro (que se alimenta de fructas).

Omnivoro (que se alimenta indifferentemente de animaes e vegetaes; *omnis* significa tudo).

Omnipotente (que tudo póde).

Omnisciente (que tudo sabe).

Somnambulo (que anda, age, fala sem despertar).

Ventriloquo (pessoa cuja voz parece sahir do ventre).

Meio-dia (metade do dia).

Carbonifero (que contém carvão: terreno carbonifero).

Aurifero (que contém ouro: areias auríferas).

Argentifero (que contém prata).

Calorifero (que produz calor).

Soporifico (que provoca o somno).

Sudoriparo (que produz o suor).

Parapeito (o que se colloca á beira de uma ponte, cões, terraço ou janella para evitar as quedas).

II

Formar palavras compostas com o auxilio dos substantivos seguintes :

Silva (madresilva).

Flor (couve flor, beija-flor).
Homem (lobishomem).
Viajante (caixeiro-viajante).
Laca (gomma-laca).
Espinho (porco-espinho).
Pé (rodapé).
Mão (contra-mão, de ante-mão).
 Com o auxilio dos seguintes verbos :
Saca (saca-molas, saca-rolha, saca-trapo).
Porta (porta-bandeira, portaló, porta-voz, porta-copo).
Quebra (quebra-luz, quebra-noz, quebra-cabeça, quebra-esquina).
Guarda (guarda-roupa, guarda-comida, guarda-pó, guarda-costa).
Tira (tiralinhas, tiracollo, tirapé).

III

Escrever os antonymos das seguintes palavras: diminuição—augmento; orgulho—modestia; coragem—covardia; antipathia—sympathia; liberdade—cativeiro; avareza—prodigalidade; vingança—perdão; sobriedade—intemperança; estima—desprezo; abundancia—carestia; fertilidade—esterilidade; reconhecimento—ingratidão; victoria—derrota; delicadeza—grosseiria; escuridão—claridade; paz—guerra; anão—gigante; recusa—permissão; cansaço—repouso; duvida—certeza.

3º ANNO

DICTADO

A patria

Poderosa e magica é a palavra patria!

Como desperta em nosso pensamento uma imagem ao mesmo tempo aureolada de doçura e magestade!

Eis a patria: essa casa em que nossa alma desabrochou sob os olhares commovidos de nosso pae e que se nos apresenta embalsamada pelo perfume dos beijos maternos; esses caminhos que nossos primeiros passos tantas vezes trilhamos alegremente; esses horizontes conhecidos, essas aguas correntes, esses bosques, todos esses caros objectos que ingenuamente associámos

às mais vivas impressões de nossa infancia; esse canto de terra em que repousam as cinzas de nossos avós, veladas e guardadas no tumulto pela piedade de nossas recordações! Sim, tudo isso é a patria.

I Definir *magia* e dar uma palavra da mesma familia.

II Explicar a expressão: *em que nossa alma desabrochou*.

III Citar com sua significação palavras da familia de *patria*.

IV Empregar as palavras *horizonte* e *caminho* no sentido proprio e no figurado.

I *Magia*, arte chimerica de produzir efeitos sobrenaturaes e maravilhosos.

Magico, que produz efeitos extraordinarios.

II Em que por efeito de nossa primeira educação despontaram nossos sentimentos e nosso coração se abriu ao amor do bello e do bem.

III *Patriota*, o que ama a patria e procura ser-lhe util.

Patriotismo, intenso amor á patria, caracter do patriota.

Compatriotas, os que têm a mesma patria, os que pertencem ao mesmo paiz.

Expatriar, obrigar alguém a abandonar a patria. *Expatriação*, afastamento da patria pelo exilio, pelo degredo. *Repatriar*, restituir um individuo á patria.

IV No mar póde-se descobrir o horizonte até a distancia de vinte e cinco kilometros.

O horizonte da sciencia se alarga dia a dia.

Para voltar tomei o caminho mais curto.

Trabalho, economia, e probidade: eis o verdadeiro caminho da felicidade.

4º ANNO

Grãos dos adjectivos

Formar o comparativo de superioridade, empregando uma qualidade que convenha mais ao primeiro substantivo que ao segundo:

A caridade e a justiça (benigna).

O crystal e o vidro (puro).

O tigre e o leão (sanguinario).

5º ANNO

Exercicios de redacção

1º

Momentos de angustia

Summario: O guarda-chave da estrada de ferro está em seu posto. Domingo de verão, passam os trens abarrotados de passageiros.

Ouve-se o signal de um trem expresso. No mesmo instante, alegre vozinha de creança chama a atenção do guarda-chave. Seu filhinho, galante creança de cinco annos, atravessa a linha da estrada, estendendo ao pae as mãosinhas que trazem um apanhado de flores. Mas o expresso vem pertinho.--«Deita-te!» A creança não comprehende e, inconsciente do perigo, continúa a caminhar, sorrindo. Angustias do pae--Deverá manobrar a chave?

Si assim fizer, o filho ficará esmagado; si não, o comboio dentro de alguns minutos se chocará com outro infallivelmente. Desenvolvi e commentae o desenlace deste facto.

Era um domingo de verão e os trens se cruzavam nas estações pejados de viajantes.

Acabava-se de ouvir o signal da aproximação de um trem de suburbio que devia entrar num desvio para deixar passar o expresso que descia numa carreira vertiginosa. O guarda-chave estava em seu posto; era um empregado consciencioso, homem sobrio, calmo, ponderado, como convem a um serviço em que a responsabilidade é tão grande, tão terrivel e no qual a menor distracção, a menor negligencia podem arrastar desgraças irreparaveis.

Com a mão na alavanca que imprime movimento aos trilhos, com os olhos voltados para o ponto onde os trens começam a apparecer, elle esperava, tranquillo e attento.

Já se ouvia o barulho, surdo como o do trovão, que annuncia a chegada de um trem. Em breve, como olhos enormes, brilham os fogos da machina. Com toda a força calca o guarda-chave a manivela; mas, ó terror! que acabava de avistar ao mesmo tempo?!

Alguns passos abaixo, entre os trilhos, vinha seu filhinho ao encontro d'elle, risonho, ignorando o horrivel perigo que

A platina e o ouro (densa).
 A montanha e a collina (alta).
 O sol e a lua (brilhante).
 O cão o gato (fiel).
 A formiga e a cigarra (previdente).
 O leite e a agua (pesado).
 A intelligencia e a riqueza (apreciada).

O tempo e o ouro (precioso).

Modelo.

A caridade é mais benigna do que a justiça.

Formar o comparativo de inferioridade empregando uma qualidade que convenha menos ao primeiro substantivo do que ao segundo:

O mar e a terra (seguro).

A Italia e o Brasil (extensa).

A bahia e o golfo (encravada).

A louça e a porcellana (pura).

O petroleo e o azeite (caro).

A cortiça e a madeira (pesada).

A madeira e o ferro (densa).

O gesso e o cimento (resistente).

O algodão e a lã (quente).

A primavera e o inverno (fria).

Modelo

O mar é menos seguro do que a terra.

Formar o comparativo de egualdade, procurando uma qualidade que convenha tanto ao primeiro substantivo como ao segundo:

As sciencias e as letras (importantes).

A avareza e a prodigalidade (censuravel).

O alcoolismo e a peste (mortifero).

A batata e o trigo (preciosa).

A abelha e a formiga (activa).

O pobre e o rico (estimavel).

As flores e as fructas (agradaveis).

O mentiroso e o ladrão (culpado).

O pão e a agua (necessario).

Os membros e o estomago (indispensaveis).

Modelo

As sciencias são tão importantes como as letras.

corria e estendendo para o pae as mãos que traziam um apanhado de flores.

Emquanto a mãe cuidava do recém-nascido, elle, brincando á soleira da casinhola, avistára o pae do outro lado da estrada e se aventurára a ir a seu encontro.

O infeliz pae solta um grito de terror. A creança pára assustada. Approximava-se o trem: que fazer? atirar-se, segurar o innocentinho, pô-lo fóra da linha em que o trem ia passar: ainda era tempo.

Mas era necessario soltar a alavanca e o trem, em vez de desviar-se, iria ao encontro do expresso que descia a toda velocidade e haveria então horrivel catastrophe!

Todos esses pensamentos atravessaram o espirito do pobre pae com a rapidez do relampago; não obstante sua emoção e seu abalo, comprehendeu seu dever e ficou em seu posto.

Veiu-lhe, porém, uma inspiração, fraca na verdade, mas era a unica probabilidade de salvar o filhinho:

«Deita-te de bruços!» gritou para a creança, pondo na voz toda a força e autoridade que lhe emprestava o perigo.

Movida pela intonação ao mesmo tempo imperiosa e terna da voz paterna, deitou-se a creança, quer por obediencia, quer por instincto do perigo, porque o trem se avisinhava barulhento, ameaçador.

Foi para o pae um momento terrivel o da passagem do trem; momento de ordinario tão curto e desta vez de uma duração infinita.

Com as mãos crispadas sobre a manivela, com o coração a palpitar de angustia, com os olhos fechados: «Meu Deus! murmurou, salvae meu pobre filhinho!»

Quando sentiu que o trem já havia passado, abrindo os olhos, largando a alavanca, saltou para a linha.

O' felicidade! o menino se levanta-

va são e salvo e estendia os braços ao pae que o segurou, o carregou, o apertou contra o peito quasi a suffocal-o e, sentindo-se desfallecer, veiu cambaleando assentar-se junto á guarita.

Estava pallido, grossas lagrimas lhe deslisavam ao longo das faces e um tremor nervoso lhe abalava o corpo.

Testemunhas de tão commovente scena, accudiram alguns empregados que, rodeando-o, lhe manifestaram carinhosa sympathia.

«Obrigado, disse o guarda-chave, obrigado; mas não deixem transparecer o segredo, nada digam a minha mulher.»

Nesse momento, o expresso passava com estrepito e o empregado deixou escapar um suspiro de allivio, pensando nas desgraças que havia evitado.

Carta de Luisa a sua tia.

Tratamento na terceira pessoa do singular.

Querida tia,

Sinto-me muito feliz ao communicar-lhe que mamãe vae passando melhor, comquanto ainda não esteja em convalescença.

O medico recommenda muitas precauções, porque qualquer recaída será muito grave.

Boa tia, não se zangue commigo por ser tão curta minha cartinha; emquanto minha mãesinha estiver de cama, tenho de substituí-la do melhor modo possivel.

Fique certa, minha tia, de que, assim que nossa adorada doente experimentar melhoras mais sensiveis, eu lhe escreverei immediatamente.

Abraça-a de todo o coração

a sobrinha dedicada,

Luiza

Z.

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

Curso elementar

3º ANNO

Medida das grandezas—O metro, o litro, o gramma.

(Continuação)

Tratando do litro, mostrou o professor que—destinado á medida da porção de substancias capazes de se disporem em camadas cerradas, sem intervallos apreciaveis, como por exemplo os liquidos e os cereaes, se tornava entretanto improprio a semelhante fim, especialmente quando taes substancias eram destinadas á nossa alimentação. E accrescentou: a avaliação pela capacidade é na quasi totalidade dos casos substituida pela avaliação por meio do peso.

Para que os alumnos comprehendam bem o assumpto, procederá a uma rapida recapitulação de noções já adquiridas em outras aulas e que se tornam então necessarias: — que é *corpo*; diferentes definições de *corpo*, acarretando as noções de—materia, volume, peso; os *sentidos* dando-nos a conhecer as propriedades dos corpos; quaes os que nos dão as noções de materia, volume e peso; como o peso caracteriza melhor e mais facilmente o corpo, attendendo-se a que relativamente a alguns corpos, o ar atmosphérico por exemplo, a imperfeição dos nossos sentidos não permite apreciar a materia senão pelos effeitos que produz e o volume senão por meio do peso. Concluindo, dirá: todos os corpos podem ser pois avaliados ou medidos pelo peso, mesmo aquelles que fôrem susceptiveis de avaliação por outra qualquer propriedade. E' assim que—podemos pesar peças de panno, porções de milho, de arroz, d'agua, de vinho, de pedra, de ouro, etc, etc. E' evidente que — entre duas peças de panno *da mesma qualidade* vale mais

a mais pesada, pois que se ha mais peso é que ha mais materia, isto é, mais panno. O mesmo raciocinio póde ser applicado a outras quaesquer substancias.

Terminado este preambulo, entrará o professor no assumpto propriamente da lição do dia, mais ou menos como segue:

—Que se deve dizer, F., de um corpo, como este armario por exemplo (mostra), que é difficilimo suspender, levantar do chão, sem um esforço consideravel?

—Que é muito pesado.

—E d'este livro, N., que ergo facilmente?

—Que é leve.

—E d'esta folha de papel, L., que suspendo ainda mais facilmente?

—Que é muito leve.

—E quando dizes, B, que o livro é leve, queres porventura significar que o livro não tem peso, que é destituido d'essa propriedade?

—Não; do contrario não seria um corpo; quando dizemos que um corpo é leve, muito leve, isso significa que elle tem um pequeno peso, que não precisamos empregar um grande esforço muscular para suspendel-o.

—Bem; mas esta mesa (mostra) tambem exige um grande esforço muscular para ser erguida do chão; logo... S?

—Tambem é pesada.

—Que conclusão tira L., do que acabamos de observar?

As lições anteriores auctorizam-me a esperar resposta certa...

—A conclusão é facil, professora; dizer — pesado ou leve, muito pesado, muito leve, nada d'isso caracteriza o peso; ha objectos de pesos muito diferentes e dos quaes dizemos que são pesados, *ao menos para a nossa força muscular*; ha outros de pequeno peso, isto é, leves, e que não só apresentam pesos diversos, como tambem podem ser considerados pesados *por aquelles que disponham de força inferior á nossa*.

—Perfeitamente. Esta cadeira (mostra) é, para qualquer de nós, um objecto leve; para uma criança de dous annos, para um individuo enfraquecido por uma

longa enfermidade, é entretanto um objecto pesadissimo. Continúa, N.

—E' preciso, portanto, medir o peso, isto é, comparar o peso dos corpos quaesquer com um peso certo, preciso, determinado, que tomará o nome de *unidade de peso*.

—Muito bem. E não haverá outra consideração que nos leve a concluir ser preciso medir, *avaliar* o peso?

—Ha, professora: é que o peso inflúe no *valor* dos objectos; ainda ha pouco vimos que entre duas peças de panno *da mesma qualidade valia mais a mais pesada*, porque se havia mais peso é que havia mais materia, isto é, mais panno.

—Perfeitamente. F. recapitule rapidamente o que a classe acaba de dizer.

—As palavras—pesado e leve—não caracterizam o peso, não o determinam, não o tornam certo, preciso; por outro lado, o peso inflúe no valor de muitos objectos, pelos quaes damos maior ou menor quantia conforme o peso que apresentam; logo, é preciso medir o peso, para o que estabeleceremos uma *unidade de peso*.

Passará o professor a mostrar como *a unidade, só por si, é insufficiente para avaliação do peso*. Para isso, tomará um objecto qualquer para unidade e mandará avaliar o peso de um livro, de uma caixinha, etc.

Ante a hesitação do alumno, fará vêr que *o sentido que nos dá a noção de peso é imperfeitissimo e muitissimo precario*: ninguem pôde affirmar com segurança se um objecto que suspendeu exigiu um esforço muscular rigorosamente duplicado, triplicado, etc., ou igual á metade, á terça parte, etc, do que foi despendido para se suspender outro; por outro lado, qualquer alteração em nossa situação normal altera profundamente o o exercicio d'este sentido: uma enfermidade, uma mudança de regimen alimentar, até uma emoção forte e brusca, um simples susto; ainda mais: não só a nossa força muscular é insignificantissima, como também *o volume do corpo nos impossibilita muitas vezes de suspendel-o, embora o seu peso não seja consideravel*.

De tudo isto serão dados exemplos concretos verificados pelos proprios alumnos.

O professor concluirá do exposto a necessidade indeclinavel de um instrumento para avaliação do peso.

Mostrará então aos alumnos *a balança*, instrumento destinado a nos indicar o peso dos corpos relativamente á unidade estabelecida para esse fim — o grammo — que também será mostrado á classe.

Demonstrará a balança, ensinando o nome e o funcionamento de suas diferentes peças e as condições a que deve satisfazer para se poder confiar no resultado da pesada.

Mostrará como o pequeno peso da unidade, accommodado á pesada de minutos objectos, torna-o entretanto improprio para avaliação do peso de generos alimenticios, volumes a despachar nas estações de estradas de ferro, etc, etc, e como foi por isso necessario recorrer aos multiplos da unidade, cujo nome e valor ensinará, seguindo em tudo a marcha adoptada nas lições relativas á extensão e á capacidade.

Fará vêr que no commercio a unidade empregada é o *kilogramma*, que, por brevidade, é habitualmente designado pelo nome de *kilo*. Chamará depois a atenção da classe para certas substancias que mesmo sob pequeno volume têm um valor consideravel, como sejam os chamados *metaes preciosos*, as *pedras preciosas*, e varias substancias empregadas como medicamento e que, em dóse minima, diminutissima, concorrem para restituir a saúde aos enfermos, ao passo que em dóse maior constituem venenos violentissimos. Serão dados os nomes e o emprego dos metaes e pedras preciosas e de alguns dos medicamentos nas condições apontadas. Concluirá de taes considerações a necessidade do uso de unidades muitissimo pequenas, dos submultiplos do grammo, que mostrará, ensinando os nomes e valores respectivos, sempre de conformidade com o processo empregado quanto ao metro e ao litro.

Recapitule então toda a lição do dia, guiando apenas os alumnos na exposição da materia estudada.

Na lição seguinte, para fazer vêr á classe a necessidade de varios typos de balança, mostrará como ha substancias que ainda sob um volume apreciavel têm pequeno valor, sendo por isso de baixo preço—o sal bruto, por exemplo.

Na pesada de taes substancias não se exige um rigor absoluto, pois que um pequeno erro por imperfeição da balança não acarreta prejuizo pecuniario aprecia-

vel. Nestas condições, uma balança grosseira, não muito precisa, aparelho de preço insignificante, pôde convir. O professor mostra esse typo de balança, embora em miniatura, ou desenha-o rapidamente no quadro negro.

Tratando-se, entretanto, do assucar, da manteiga, etc., substancias que, apesar de serem indispensaveis, alcançam preço relativamente alto, já é preciso proceder á pesada com mais rigor. Se a imperfeição da balança dér ao comprador o prejuizo de uma chicara cheia, a perda em dinheiro já é apreciavel, já é bem sensível. Imaginemos, porém, que a diferença para menos em desfavor do comprador é de um dedal cheio: o prejuizo não será percebido, por insignificante.

Compreende-se que a balança cujo typo foi ha pouco apresentado não pôde mais convir: ha necessidade de um aparelho mais perfeito, que funcione mais rigorosamente, e que será portanto mais caro.

O professor mostrará o novo typo (naturalmente o que serviu no principio da lição) e o fará funcionar, exercitando os alumnos nesse mistér.

Dirá, por ultimo, que já chamou a atenção da classe para as substancias preciosas, para certos medicamentos que exigem dosagem rigorosa, etc. Fará vêr que nas casas de familia quando alguem quebra o fecho de uma pulseira de ouro, um anel, um pequeno objecto de prata, ouro, platina, etc, não deita fóra os pedacinhos d'essas substancias: isso tudo se vende e traz quantia apreciavel á economia da casa; também uma pequena diferença de peso entre duas pedras preciosas da mesma qualidade acarreta uma diferença sensível no preço respectivo; um erro muito pequeno na dosagem do arsenico, da belladona, etc, nos preparados que nos sejam receitados por um medico, pôde conduzir-nos irremediavelmente á morte. Será, pois, indispensavel pesar taes substancias com o maior rigor, com uma precisão tal que nos ponha a coberto dos graves prejuizos decorrentes de um erro embora diminuto.

A balança usada para esse fim, delicadissima, sensível a pesos insignificantes, como por exemplo o de uma petala de rosa, é chamada por isso mesmo *balança de precisão*.

O professor mostrará o aparelho, ou, na sua falta, indicará as modificações

introduzidas na balança ordinaria, os cuidados exigidos pela conservação e bom funcionamento da balança de precisão, e quaes os negociantes que d'ella se utilizam.

Os submultiplos do grammo têm na pesada feita neste typo de balança a sua applicação pratica, do que serão dados exemplos.

Nas alfandegas, nos armazens das estradas de ferro, em todos os pontos em que se despachem fardos destinados ao commercio, malas de viajantes, etc., sempre que o preço do transporte seja estabelecido de conformidade com o peso, será preciso pesar taes objectos, e qualquer creança perceberá que as balanças que lhe fôram apresentadas não poderiam receber pesos tão consideraveis.

O professor dirá como são pesados taes volumes, descrevendo summariamente a balança decimal e explicando o seu funcionamento.

Exercicios e problemas completarão o estudo da medida de peso e encerrarão o programma do 3º anno de arithmetica, segundo o plano que traçámos.

Olympia do Coutto

(Continúa)

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

5.º ANNO

VERTEBRADOS E INVERTEBRADOS

Convidando a criança a citar os animaes que lhe são familiares e apresentando albuns e gravuras contendo muitos outros de que, talvez, jamais tenha ouvido fallar, dar-lhe-á uma pequena ideia da vastidão assombrosa e da infinita variedade de irracionaes espalhados pelas cinco partes do globo.

Cumpre, então, explicar que, attendendo ás semelhanças organicas, foram os animaes divididos em varios grupos. Indicar a causa desse facto e, aproveitando os exemplos apresentados, levar o proprio alumno a estabelecer a primeira grande divisão zoologica: animaes possuindo um esqueleto interno, osseo ou

cartilaginosa, no qual se distingue sempre uma columna vertebral — os vertebrados; animaes desprovidos de esqueleto interior, de ossificação, de columna vertebral—os invertebrados.

Estudando os vertebrados, fazer notar que elles podem ser quadrupedes, bipedes ou ápodos e que não existe nenhum com mais de quatro patas.

Advertir aos meninos que os modos de locomoção dos animaes variam—os que possuem membros, marcham, vôam ou nadam; os que delles são desprovidos, apenas rastejam sobre o solo.

Citar o motivo por que os quadrupedes se fatigam menos na marcha que os bipedes.

Fazer vêr, ainda, que uns vertebrados tem a pelle nua; que outros, em maior numero, a possuem coberta de pellos, de pennas ou de escamas; que todos elles apresentam sangue rubro, quente em alguns, frio em outros; que uns são dotados de respiração pulmonar — vivem no ar; outros só existem nagua—têm a respiração branchial; que podem ser vivíparos ou ovíparos e que, finalmente, são dotados de symetria bilateral. Fallar, ainda, nas metamorphoses por que passam certos animaes.

Feitas essas observações, os meninos, encaminhados pelo mestre, farão a divisão dos vertebrados em cinco grandes classes:

1ª, animaes vivíparos, possuindo mammas; de pelle lisa ou coberta de pellos; de respiração pulmonar; sangue quente e temperatura constante — mamíferos.

2ª, animaes ovíparos, tendo o corpo revestido de pennas, apresentando os membros anteriores dispostos para o vôo; de respiração pulmonar; sangue quente e temperatura constante—aves.

3ª, animaes de corpo coberto de escamas; que andam de rojo; de respiração pulmonar; de sangue frio e temperatura variavel; ovíparos, em geral—reptis.

4ª, animaes de pelle nua; ovíparos; de sangue frio e temperatura variavel, soffrendo metamorphoses no decurso da vida—batrachios.

5ª, animaes aquáticos, que se movem nagua por meio de barbatanas; de respiração branchial; de sangue frio e calorificação variavel; ovíparos—peixes.

Sendo a classe dos mamíferos a mais importante do reino animal, convém

que o professor della se ocupe mais detalhadamente.

Apontando varios typos, fazer verificar que não obstante pertencerem a uma mesma classe, apresentam diferenças bem sensiveis, donde a necessidade da subdivisão de cada classe em ordens.

Reconhecidas as analogias e dissimelhanças existentes entre as especies apresentadas, incumbir o menino de formar, por si, as treze ordens em que se dividem os mamíferos—bimanos, quadrumanos, carnívoros, amphibios, cheiropteros, insectívoros, roedores, desdentados, pachydermes, ruminantes, cetaceos, marsupiaes, monotremos.

Referindo-se aos carnívoros, mostrar que uns andam na extremidade dos dedos — os digitigrados; outros, sobre a planta do pé—os plantigrados.

Sendo os roedores muito numerosos r.o Brasil, cumpre que essa ordem seja tratada com certo desenvolvimento.

Explicar que esses animaes não possuem dentes caninos, mas dizer que, em compensação, apresentam molares muito fortes e incisivos que crescem á proporção que se vão gastando.

Entre muitos outros exemplos, fallar na capivara—o maior dos roedores; no rato—roedor terrível, que tudo devasta e consome; na paca, na cutia, na preá, no coelho, que as creanças tão bem conhecem; mencionar os castores, narrando o interessante modo por que constroem as suas habitações.

Passando aos desdentados, dizer que essa ordem é, geralmente, formada de animaes preguiçosos e pouco intelligentes. Accentuar que nem todos elles carecem totalmente de dentes — os que effectivamente merecem tal denominação, são os tamanduás.

Ao tratar dos pachydermes, fazer com que os alumnos estabeleçam os tres grupos: pachydermes com tromba—proboscídios; pachydermes de um só dedo, protegido por um casco—solípedes; pachydermes de pés fendidos—fissípedes.

Quanto aos ruminantes, ensinar que apresentam o canal digestivo differente do dos outros mamíferos, fazendo vêr que nenhum o possui tão extenso. Acrescentar que os ruminantes têm o estomago formado de quatro cavidades, devido a que gozam da singular faculdade de fazer voltar á bocca os alimentos já

engulidos, afim de mastigal-os segunda vez.

Chamar a atenção para os movimentos executados pelas maxillas—verticaes e lateraes.

Fallando nos marsupiaes, lembrar a razão da denominação—abrigam os filhos, quando ainda pequenos, numa bolsa (marsupio) que apresentam debaixo do abdomen.

A' medida que os animaes forem sendo classificados, fallar nas suas qualidades naturaes, nos seus costumes e habitos, nas regiões que habitam, nos alimentos que ingerem, nos serviços que prestam, etc.

De modo identico deverá ser encaminhado o estudo relativo ás demais classes de vertebrados—aves, reptis, batrachios, peixes.

Assimiladas as noções sobre vertebrados, passar a occupar-se dos invertebrados. Convém lembrar que essa parte deve ser dada resumidamente.

Cahiria em erro, o professor que pretendesse, fazer, de uma só vez, o estudo completo de todos os animaes.

As lições para serem proficuas, deverão ser ministradas gradativamente.

Assim, no 5º anno cumpre estudar os vertebrados com certo desenvolvimento e os invertebrados apenas de

modo superficial, reservando a ampliação dessa parte, para o 6º e 7º annos.

Tratando dos invertebrados, chamar a atenção para a grande differença existente entre esses animaes e os vertebrados.

Fazer notar que todos elles se acham divididos em seis grandes grupos:

1º, animaes que têm o corpo e os membros formados de segmentos, moveis uns em torno dos outros—articulados.

2º, animaes que, em geral, têm o corpo cylindrico formado de anneis juxtapostos e que são desprovidos de membros articulados—vermes.

3º, animaes que têm o corpo molle, encerrado em uma concha dura e resistente—molluscos.

4º, animaes que têm as differentes partes do corpo dispostas em torno de um ponto, apparentando a fórma de uma estrella—radiados.

5º, animaes de organização rudimentarissima, que chegam a ser confundidos com os vegetaes—zoophitos.

6º, animaes microscopicos, que occupam a ultima escala da animalidade—protozoarios.

E. B.

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças
e para Casa

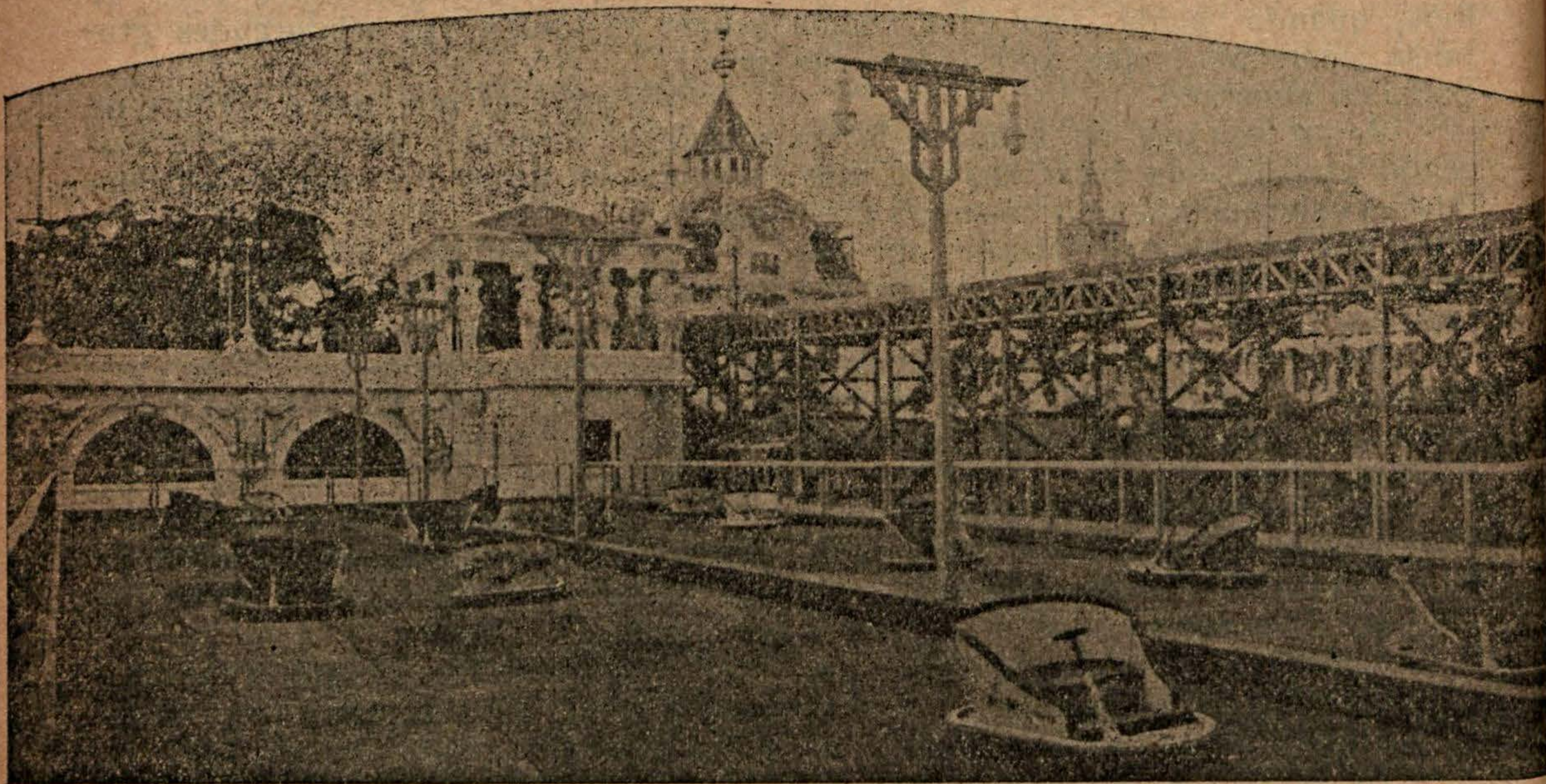
Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E
ENXOVAES PARA COLLEGIAES

O MAGESTOSO

“ PARQUE DE DIVERSÕES ”

Reducto incomparavel da alegria e da graça carioca



As ondas de aço

No intuito louvavel de satisfazer ás exigencias da vida moderna, concretizando medidas de alta significação social, tem surgido ultimamente no Rio de Janeiro algumas iniciativas de real valor, que são penhores fidedignos de uma mentalidade constructora, ao serviço dos mais alevantados idéaes de civilização, de progresso e de cultura.

Nenhuma, porém, dessas iniciativas se equipara ao sumptuoso *Parque das Diversões*, construido no recinto da Exposição Internacional.

E' justo encarecer o gesto patriótico dos concessionarios da grande empreza, Srs. V. Fernandes Lopes & C., que não mediram esforços, não pouparam sacrificios em dotar a nossa opulenta capital com um ponto de magnificas e variadas atracções.

Dispostos em organizar um parque que em nada fosse inferior aos das mais adiantadas cidades dos Estados Unidos e da Europa, os Srs. V. Fernandes Lopes & C. tanto se esmeraram na construcção artistica, que foi executada pelo Sr. Morales de los Ríos, como também na aquisição dos mais variados aparelhos modernos, europeus e americanos.

O publico do Rio de Janeiro aplaude sinceramente a iniciativa gigantesca convertida no Parque de Diversões e enaltece os esforços, a intelligencia, o poder de organização com que os seus concessionarios tudo previram, desde a perfeição irreprehensivel dos detalhes, á configuração maravilhosa do conjunto. Realizando esta obra de verdadeiro merito, os alludidos concessionarios tinham em mira conquistar a sympathia e a preferencia do publico civilisado da terra carioca.

E se bem o desejaram, melhor o conseguiram, porque o *Parque de Diversões* é frequentado por uma multidão cada vez mais numerosa, crescendo o interesse publico á medida que a fama dos multiplos divertimentos se espalha por toda a parte.

O *Parque de Diversões* contém, pois uma serie de divertimentos até aqui só conhecidos pela tradição, cujos preços não correspondem necessariamente ás grandes despesas que a sua manutenção acarreta.

O successo, porém, da formidavel organização está plenamente assegurado pela indiscutivel preferencia do publico, que ali regozija-se no gozo da mais perfeita expansão de jovialidade, experimentando os diversos prazeres oriundos das *ondas de aço*, *aeroplanos*, o *chicote*, *carroussel*, o *tubo do riso*, a *caçadora*, sendo também muito concorrido o *Salão do Baile*, o *Tiro alvo cinematographico*, além de outros...

E' de ver a alegria transbordante da petizada, porventura o elemento mais precioso dentre os concorrentes, atrapalhados na escolha dos seus preferidos brinquedos.

Em vista de tudo isso, torna-se evidente a boa vontade dos Srs. V. Fernandes Lopes & C., que, acima de tudo, procuram consultar os interesses da sociedade elegante do Rio, de quem unicamente esperam ser distinguidos e obsequiados.

E quem entra na Exposição, fica logo convencido de que o *Parque de Diversões*, incontestavelmente, o producto de uma energia expletivamente realizadora, tal a magnificencia, o esplendor, a atmospheria de alegria e de ventura que se desprendem das variadas secções e que se divide a magestosa concepção.

Jezus-Christo e o Pozitivismo

POR

PEDRO BARRETO GALVÃO

Indice da obra—Gravura — *Christ. in Gethsemani*

Dedicatoria. A Jezus-Christo—A's almas cristans. As memorias de meus pais, a minha espoza, a memoria de sua mãe e aos meus filhos.

VII—Os dois poderes sociais: temporal e espirital. Sua separação instituida por Jezus-Christo.

Prefacio.

PRIMEIRA PARTE

I—Jezus-Christo e os evangelhos canonicos.

II—Jezus-Christo inaugura o seu ministerio publico—Instrucções que dá aos seus apóstolos. Perseguição tendo á frente S. Paulo, contra os convertidos por Jezus.

III—Doutrina de Jezus-Christo caracterizada por alguns trechos dos evangelhos

IV—Jezus-Christo aperfeiçoa o Mozaismo e transforma radicalmente a organização social antiga com a fundação da nova doutrina.

V—Os melhoramentos da doutrina de Jezus-Christo estendem-se a todos os mandamentos da antiga "Lei".

VI—A constituição da familia segundo a doutrina de Jezus-Christo. Bodas de Caná. Synthese da moral cristan.

SEGUNDA PARTE

I—S. Paulo, suas epistolas e os evangelhos canonicos. Sua conversão.

II—Apostolado de S. Paulo, seu reconhecimento por S. Pedro e outros apóstolos. Criticas de A. Comte ao Catholicismo.

III—Tacito e os cristãos. Epilogo da vida de S. Paulo.

IV—Jezus-Christo institue o culto do Catholicismo—o céu.

V—A missa.

VI—Conclusão.

ANEXOS

I e II—Uma estatua a Jezus-Christo. (Artigos.)

III—Guerra religioza —(Artigo publicado no Jornal do Commercio.)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO
Rua Libero Badaró, 129
PREÇO 3\$000

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahía, 1055

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

KOLATENO

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

Chocolate e café só **ANDALUZA**

Fabrica — RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO

LIVROS DIDACTICOS

— Ultimas Publicações da Grande LIVRARIA LEITE RIBEIRO —

Fxame de Portuguez, do Prof. Julio Nogueira, em 2.a edição.....	8\$000
Grammatica Franceza, obra reputada notavel pelos proprios vernaculistas francezes do Prof. Floriano de Brito gr. v. em 2.a edição, no prélo.....	
Cosmographia, resumos dos Profs. Coelho Lisbôa e Etienne Brasil, revista pelo sabio Prof Henrique Morise, cart.....	2\$500
Pontos de Geologia, resumos do Prof. Etienne Brasil, cart.....	2\$000
Problemas praticos de Phisica elementar (cadernos de Laboratorio) do Prof. Heitor Lyra da Silva, cart.....	2\$500
Chimica Elementar, do Prof. Etienne Brasil, prefacio do Prof. Oliveira Menezes, cart.....	2\$500
Historia Geral (resumo) da Prof. Mlle. Maria Reis Campos (2 ed.) 2 v. separados 2\$000, juntos.....	4\$000
Problemas Arithmeticos da Prof. Maria do Carmo P. das Neves, cart.....	7\$000
Cathecismo Civico, do Prof. Cath. da Escola Polytechnica, Dr. José Agostinho dos Reis, cart.....	3\$000
Musa Civica, preciosa collectanea de producção de 108 poetas nacionaes exaltando o amor a Patria e ao Dever por Xavier Pinheiro v. cart. com 700 pgs...	6\$000
Apontamentos de Grammatica (2ª ed.) obra approvada pela Instrucção Publica do Districto Federal, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, pela Congreção da Escola Normal e pelos Collegios Militares, do Prof. Dr. Ferreira de Abreu, v. de mais de 500 pgs., muito Illustrado, cart.....	10\$000
Escola Pittoresca (2ª ed., do 7º ao 9º milhares) leituras para escolas de 3º grau e complementares, approvada pela Instrucção Publica do Districto Federal e pelos Governos dos Estados do Pará, Parahyba do Norte e Rio Grande do Norte, do Dr. Carlos D. Fernandes, cart.....	3\$000
Corações Infantis, contos moraes e civicos, para creanças, com illustrações de Yantok, cart.....	3\$000
Um punhado de exercicios para classe complementantar das escolas primarias por Leonor Posada, cart.....	3\$000
Um punhado de assumptos para exercicios de redacção do curso complementar, da Prof. Leonor Posada.....	4\$000
Elementos de Economia Política do Prof. Hermann Fleiuss, cart.....	4\$000
Compendio de Instrucção Civica do Dr. Araujo Castro, no prélo.....	

Pedidos directamente: Rua Bettencourt da Silva ns. 15, 17 e 19 e Treze de Maio ns. 74 e 76

Endereço Telegraphico ETIEL — Caixa Postal 899 — Telephone 250 e 386 Central
RIO DE JANEIRO

O CRYSTALINO LOUÇAS, PORCELLANAS, CRYSTAES, METAES E CRYSTOFLES.

Casa especial em artigos de luxo e objectos para presentes

Camões e Cardoso

39, RUA URUGUAYANA, 39 × × Telephone Central 3325
RIO DE JANEIRO

Desconto de 10 % aos Srs. professores do Districto Federal e dos Estados

Resfriados? Defluxo e tosse?
GRIPPE?

*Pharmacias Oriental e Alencastro, Dro-
garias Werneck e Baptista*

Rua 1 de Março n. 10

Gripposanol

A Exposição do Centenario é uma grande escola aberta a todos os Brasileiros

Nella encontrarão os professores uma demonstra-
ção eloquente do progresso de nossas artes, de nossas
industrias e da riqueza de nosso solo, ao lado da magni-
fica exposição feita pelas nações amigas.

Visital-a frequentemente é dever de todos os pro-
fessores, que alli colherão uteis ensinamentos para seus
alumnos. Proporcionar a estes uma minuciosa visita á
Exposição é offerecer-lhes a oportunidade do cumpri-
mento de um dever patriotico e dar-lhes uma lição de
grande utilidade.

DE ENSINO E EDUCAÇÃO

da Prof. Maria Amélia Dalto Santos

Volume de 167 paginas, repleto de commentarios e suggestões sobre assumptos pedagogicos referentes á nossa instrucção primaria, vasados em estylo leve e offerecendo uteis observações.

A' venda nas principaes livrarias e na Redacção d' «ESCOLA PRIMARIA». Preço: 2\$000 porte franco pelo correio.

UNIFORMES E ENXOVAES COMPLETOS PARA COLLEGIAES

Fornecedores dos principaes collegios da Capital e dos Estados

ALFAIATARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA - FAZENDAS POR ATACADO

VILLA DE PARIS — 35, Rua dos Ourives, 35
Buenos Ayres, 76 e 78 — Rio de Janeiro

CASA DO BASTOS
R. URUGUAYANA 19-22

Novas creações em bufalo branco, Vermiz, e pellicas de cores, setim, rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -
Seçam Catalogos

LYCETOL GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
O ACIDO URICO

Receitado diariamente pelas summidades medicas contra:

- Diathese urica
- Arthritismó
- Colicas nephriticas
- Rheumatismo
- Calculos biliareis
- Gota

Em todas as pharmacias e drogarias Deposito:
Drogaria Giffoni
Rio de Janeiro



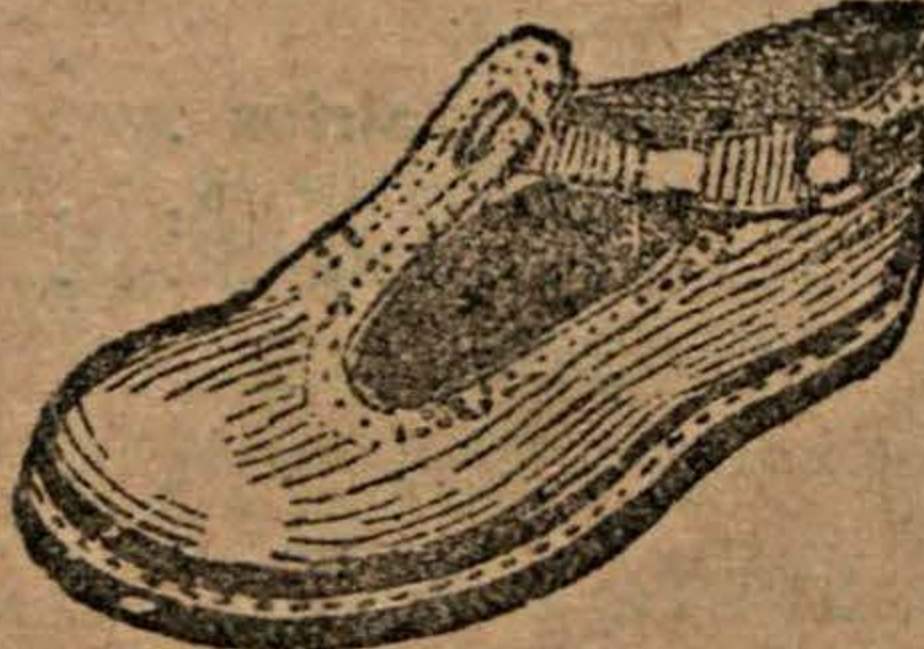
OCULOS e PINCE-NEZ
para qualquer defeito da vista

Apparelhos Photographicos e Accessorios.

LUIZ, FERRANDO & CIA. LTDA
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO


CASA GUIOMAR
CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio.



MODELO NILDA

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»


Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arlenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistência á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se floresente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma ther depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda

A Dentição das Creanças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Creança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilio e Assistencia Dentaria Gratuita
Associação Central Brasileira dos Cirurgios Dentistas
Av. Rio Branco, 142,

S.S.White Dental Mfg. Co. of Brazil

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Líbero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
1º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analítica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
5º Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$600
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis	3\$500
L. FERDINAND — Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil